



G. O. MEBES

Os Arcanos Maiores do Tarô

Seu simbolismo, suas iniciações e seus passos para a realização espiritual.

Ed. Pensamento

O presente texto reproduz os **Adendos** às últimas edições do livro. As Ilustrações vieram de *Curso de Enciclopédia do Ocultismo*, (Xangai, 1931) - Курс Энциклопедии Оккультизма – читанный Г.О.М

Adendo aos Arcanos Maiores do Tarô

Elaborado pelos alunos
da Escola de G. O. Mebes

G. O. Mebes, deportado em 1926 a um *gulag*, faleceu na região ártica da Rússia. Sua Escola foi destruída, mas seus discípulos, os que não foram presos, fugiram para outros países. Assim, em Belgrado, capital da Iugoslávia, onde havia muitos emigrantes russos, os discípulos de Mebes fundaram uma nova Escola para continuar o trabalho de seu mestre e transmitir a outros, em russo, os ensinamentos que dele haviam recebido.

São os extratos dessas aulas que estamos acrescentando hoje, como capítulos adicionais aos dois livros da Escola de Mebes, publicados há alguns anos, em São Paulo, sob os títulos: Arcanos Maiores e Arcanos Menores do Tarô.

Dentre o material, bastante vasto, em russo, trazido para o Brasil, procuramos escolher e traduzir somente os ensinamentos que não constam dos livros mencionados; tratando-se, porém, de ensinamentos que provêm da mesma fonte e abrangem o mesmo campo do conhecimento, é possível que haja algumas repetições. No entanto, eles apresentam, em geral, um aspecto um pouco diferente ou dão mais detalhes, que ajudam a compreender melhor o assunto tratado.

ARCANO I

Símbolo Gráfico: o ponto geométrico.

Os seres humanos individuais juntam-se em diversas unidades sociais, formando egrégoras familiares, tribais, nacionais, raciais ou, finalmente, a egrégora de toda a humanidade terrestre. As unidades individuais não são dissolvidas dentro dessas egrégoras, mas conservam seu caráter particular, enriquecendo determinada egrégora com sua contribuição individual. No entanto, o uso de constrangimento, para incluir as unidades dentro de uma coletividade, produz resultados diferentes. As potencialidades individuais não podem desenvolver-se livremente; são sacrificadas e apagadas pelas leis

do grupo que lhes foi imposto. Nesse caso, não se forma uma egrégora; forma-se apenas um agregado artificial.



Tudo quanto existe começa na Unicidade. Esta se complica e multiplica para, com o tempo, voltar de novo à Unicidade. O mesmo princípio rege a existência do ser humano.

O Arcano I corresponde às potencialidades existentes no ser humano, às suas possibilidades de realização que ainda não se tornaram dinâmicas. Na lâmina, o bastão não foi ainda abaixado, isto é, a realização ainda é latente. Os objetos que se encontram na mesa, diante do homem, junto com o bastão que sua mão segura, são símbolos dos 4 naipes dos Arcanos Menores, mas dentro da limitação dos Arcanos Maiores. São os 4 elementos da Lei Iod-He-Vau-He, através dos quais se efetua a passagem gradual de Aleph e Thav.

O Arcano I é o mais metafísico e o mais sintético de todos. Contém em si o sistema completo, apesar de, exteriormente, nada se manifestar. Seu símbolo – o ponto geométrico – expressa perfeitamente a essência do Arcano. Um ponto geométrico parece

irracional, pois, não possuindo dimensões, não pode ser expressado no plano físico. No entanto, é profundamente real, pois tudo o que aparece começa por um ponto. O ciclo dos 22 Arcanos começa no Arcano I, e volta ele novamente, para recomeçar um novo ciclo, num nível mais elevado.

Lâmina. Sobre o cubo, no fundo, vemos uma taça vermelha com pé reto. Mais na frente, vemos uma espada preta. Ainda mais para frente, uma moeda vermelha na qual há uma cruz de braços iguais.

O homem parece ser formado por turbilhões que, ao redor dele, formam uma aura azul-lilás. O braço levantado segura um bastão preto.

Os hieróglifos do Arcano I são: o PONTO e o HOMEM (ser masculino). A lâmina expressa, entre outros, três conceitos: o Arquétipo (∞), o Homem (princípio $+$) e a Natureza (princípio $-$).

O homem está pronto para agir, mas sua ação ainda não começou. Trata-se de um processo interno de conscientização, um estado do mundo do “Eu”, mundo de números, a coisa “em si”. A imagem sugere o papel do dirigente da orquestra cuja batuta parou no ar; mas, dentro de um instante, ouvir-se-á a música e nascerá uma harmonia formidável.

Mebes, durante suas aulas, dizia: “Falando do Arcano I, penso menos sobre o que tenho a dizer do que sobre o que não falar”.

A disposição dos braços indica a polarização do Uno que inclui os princípios dinâmico e estático, enquanto a figura, em sua totalidade, simboliza o Uno, possuindo também indícios da Trindade.

O bastão simboliza o princípio ativo; a taça, o passivo; a espada, o ativo, mas, poder-se-ia dizer, um ativo em segundo plano, nascido dos dois precedentes. A moeda, o passivo, o resultado, a consequência dos três precedentes, unindo-os em um só ciclo.

É necessário ressaltar que os quatro objetos são inativos e que um deles, o pau, é separado dos outros. O Mago o pegou e o levantou, o que significa a preparação para a atividade, para a realização.

O uso das duas cores – vermelho e preto – no sentido inverso, isto é, vermelho para o passivo e preto para o ativo, significa que cada atividade possui em si o princípio passivo e vice-versa: cada passividade pode ser manifestada como princípio ativo. Em outras palavras, isso sublinha a natureza sintética dos símbolos utilizados e, também, a relatividade dos conceitos “ativo” e “passivo” nos planos superiores.

Se o pau levantado sublinha a ideia da dinâmica, o cubo expressa a ideia da realização, da forma, isto é, afirma o princípio de estática.

Pelo seu simbolismo numérico, o cubo inclui em si todo o sistema dos Arcanos Maiores, ou seja: três dimensões espaciais (iguais entre si) que expressam uma forma espacial, acabada; seis planos (superfícies) que limitam um espaço e o próprio espaço limitado, isto é, sete elementos. As intersecções dos planos formam doze linhas.

Às vezes, a ideia do cubo é representada pela chamada “cruz espacial” . A explicação da composição do cubo pode servir de exemplo de como a Tradição sintetiza seu ensinamento em fórmulas lacônicas e como modo simples, o Arcano expressa a ideia de tudo o que existe.

Um dos aspectos importantes do Arcano I é seu ensinamento sobre a composição triplânica do Universo e do ser humano. Na lâmina essa ideia é simbolizada pelos três objetos de ouro (ouro, atividade evolutiva, solar): o signo do Infinito acima da cabeça, a fita ao redor da testa e o cinto. É simbolizado também pelo cubo branco, encontrando-se hierarquicamente abaixo, mas na mesma linha perpendicular. Esses símbolos significam a Trindade unificada em um só Todo sob o influxo da Força Superior, transferida através do Mago aos planos inferiores. As vestimentas brancas do Mago simbolizam a síntese e a pureza que caracterizam seu trabalho. O signo do Infinito – a harmonia e o eterno movimento. A fita e o cinto de ouro – a atividade. O branco luminoso do cubo – a necessidade do ideal nas realizações.

A fita e o cinto correspondem à localização dos plexos energéticos da cabeça e da região emocional. Os centros inferiores estão escondidos pelo cubo, isto é, suas energias ainda não se materializaram. Em outras palavras: o pensamento precede a ação e o espírito determina o tipo da matéria realizada.

O hieróglifo do Arcano I – um ponto – não tem dimensão e é, portanto, uma analogia do princípio espiritual, absoluto e inacessível, mas indispensável na existência humana. O ponto é um conceito abstrato e, no entanto, a base de qualquer figura geométrica.

O Arcano I, como Arcano da Unicidade, contém em si a doutrina da unificação da Pluralidade, ou seja, da transformação da Pluralidade em uma Unicidade superior sob a influência de alguma força que permeia todos os múltiplos componentes e os mantém unidos. No mundo material, como exemplo, pode servir um organismo vivo que, apesar de ser composto de inúmeros elementos diferentes, forma uma totalidade unida, individual.

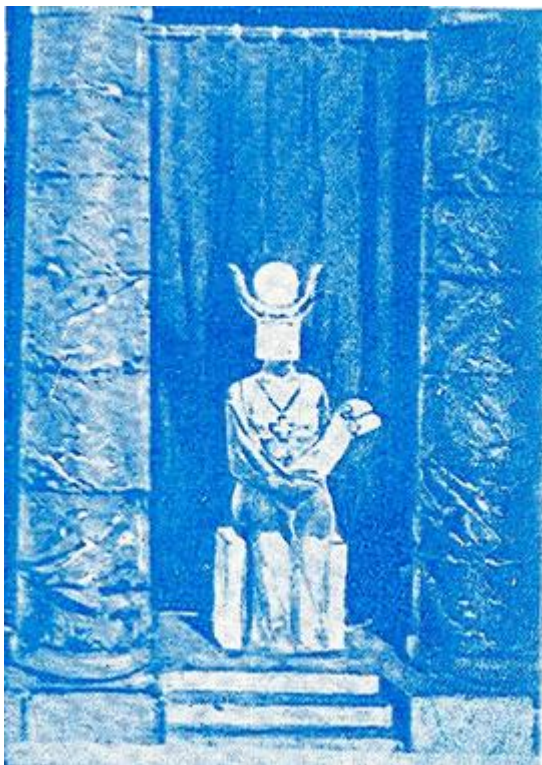
Estudando a natureza da unificação de pluralidade é fácil constatar que as unidades do mesmo tipo, unindo-se, podem formar uma unidade superior. No mundo humano, a unidade superior pode ser criada somente quando existe uma poderosa ideia criativa, dando início a essa formação. No mundo astral, essa unidade é chamada Egrégora. Se essa unidade sofre uma derrota no plano superior, sua manifestação no plano material (por exemplo, alguma comunidade humana) decai e desaparece.

O nome “magus” – palavra muito antiga – significa: ciado na sabedoria oculta. Dessa palavra vieram muitas outras, tais como: *magister*, *meister* (mestre), etc.

O nome francês do Arcano “Le Bateleur” corresponde ao aspecto degradado do *magnus*. Trata-se de um prestidigitador comum. Os dois nomes implicam que o verdadeiro mago pode, às vezes, querer parecer um simples prestidigitador.

ARCANO II

O Arcano II – Divina Substância – pode ser considerado como o oposto do Arcano “Divina Essência”. Todavia, essas duas Essências são “Divinas”. É claro que não se trata de “matéria” no sentido comum. No entanto, essa divina substância pode ser coagulada até o estado material.



O conceito de “substância” pode ser entendido como princípio da matéria. Essa “Divina Matéria” é o primeiro oposto do Espírito, sua primeira limitação do mundo do “não-Eu”.

No plano do Homem, esses opostos aparecem como Adão-Eva; no plano da natureza (*Natura Naturans*) o Arcano II corresponde ao princípio receptivo, formativo, gestante dos processos vitais do mundo orgânico.

A lâmina do Arcano I apresenta o jogo de energias, o domínio de ideias, sem acentuar os contornos materiais. Na lâmina 2 tudo é bem claro, bem determinado. A lâmina I simboliza a concentração da força interior, a preparação para a atividade; a lâmina 2 expressa a tranquilidade, a passividade.

Se o título “Papa” corresponde ao mais alto poder da Igreja, o nome “La Papesse” expressa o mais alto poder do princípio feminino.

O Arcano I apresenta o mundo interior do “Eu”; o II abrange tudo o que se encontra exteriorizado, além do “Eu”. Ao mundo do

número é contraposto o mundo do fenômeno; ao princípio subjetivo, o princípio objetivo.

Os Arcanos I e II são o primeiro binário da Filosofia Hermética. A Cabala o chama “AB” que, na língua hebraica, significa “pai”. É um dos Nomes Divinos. Na lâmina, a coluna vermelha e o ouro do sol simbolizam a atividade; a coluna azul e a rata da Lua – a passividade e a receptividade. Os chifres de Ísis simbolizam também o princípio binário; no entanto, sua única cor significa que nos planos superiores os binários não são antagônicos, mas complementares, unos.

A Lua cheia (Selene) inclui também dois aspectos: Lua crescente (Diana) e Lua minguante (Hécate). Além disso, sua forma lembra o zero, símbolo do princípio neutro. A Lua, por causa de sua capacidade de refletir a luz solar, pode assemelhar-se (como também a água) a um espelho cósmico.

A analogia do astral com a água é devida também ao fato de a água ser um estado intermediário entre o estado gasoso e o sólido. Desde a remota antiguidade, a Lua e a água simbolizam o astral, e a Lua (espelho) acima da cabeça de Ísis indica a conexão desse Arcano com o mundo astral.

O cubo, na lâmina I, esconde a parte inferior do corpo do Mago. Na lâmina 2, são as vestimentas da Mulher que escondem o cubo. O último detalhe é a brancura luminosa desse símbolo sublinham sua qualidade supranatural, distinguindo-o dos degraus bem visíveis, não escondidos e compreensíveis para todos.

O cubo é a única figura geométrica que possui três coordenadas espaciais, iguais, e ângulos espaciais retos. Sendo assim o cubo é uma base ideal para as formas.

Se o Arcano I contém o ensinamento transcendental, o Arcano II é o campo do transcendente. É no Arcano II que se baseiam os princípios de dois planos inferiores: o

astral e o material (físico). O papel principal é o do plano astral. Hierarquicamente, tem precedência sobre o material e, devido a sua sutileza e receptividade, tem mais afinidade com o Arcano II.

Um rolo meio aberto na mão de Ísis é outra indicação do mundo astral. É o símbolo de tudo que aconteceu, está acontecendo e acontecerá, ou seja, o símbolo daquilo que é chamado crônica “Akasha”.

O rosto de Ísis, parcialmente velado, indica a possibilidade de penetrar nos mistérios da Verdade. Há dois caminhos para essa penetração: o conhecimento direto (solar) e o indireto, o refletido (lunar). Em outras palavras: o conhecimento intuitivo e o conhecimento através do estudo do mundo dos fenômenos.

A última fase criadora é dinâmica (o binário em ação), mas o Arcano II apresenta a primeira fase – a estática – isto é, a presença equilibrada dos princípios ativo e passivo. Estes, quanto mais elevados e metafísicos tanto menor será a oposição no sentido de exclusão mútua. Nos planos superiores tornam-se complementares.

O nome do Arcano “Porta do Santuário”, apresenta-o como a entrada para o santuário do conhecimento, isto é, para a série de Arcanos que o seguem.

A Tradição ensina que, no plano espiritual, a diferença entre “eu” e “não eu” desaparece, pois o Amor favorece a identificação com o seu objeto e, portanto, identificação com tudo o que existe. Esse é o caminho superior do conhecimento iniciático que afasta a cortina do santuário da Verdade e da Sabedoria.

ARCANO III

Símbolo Gráfico: três pontos  não ligados pelo contorno, mas formando a imagem clara de um triângulo. A ausência do contorno indica o vínculo desse Arcano com o I e o II. Os três pontos simbolizam as Três Causas Primordiais, ou seja, o Trinário do Livro de Toth, o que, na Cabala, corresponde ao nome divino EMESH, isto é, Aleph, Mem e Shin, as três letras-mães. Na Tradição Oriental, as Três Causas Primordiais são chamadas de Três Raios.



O símbolo gráfico mais popular do Arcano III é o triângulo, seja ascendente ou descendente. O triângulo simboliza a neutralização do binário. Neutralizar o binário é encontrar uma solução que une os dois pólos num estado equilibrado e sintético. A neutralização pode ser feita por cima, por baixo ou pelo meio. Dois triângulos unidos por suas bases  ilustram essas três possibilidades.

Um triângulo descendente é, em geral, de cor azul, verde ou prata, pois corresponde a um estado receptivo, estático. Na lâmina do Arcano III, o triângulo descendente é de cor vermelha, pois representa a neutralização ativa, por baixo, o NASCIMENTO.

O caminho da Iniciação com respeito ao Arcano III é a neutralização correta. Eticamente, a neutralização para cima é sempre um caminho evolutivo. A neutralização para baixo corresponde frequentemente à involução.

As 12 estrelas da lâmina, além de simbolizar o plano físico (Zodiaco), fazem-nos lembrar que $12 = 3 \times 4$, ou os 3 planos do Universo e 4, que é o número da lei cíclica.

ARCANO IV

Símbolos Gráficos: □ e + e também o cubo.

Este Arcano une os três anteriores num total, formando uma nova unidade. Isso corresponde à passagem aos planos densos, ou seja, à realização visível. É um par de binários que, unidos pela mesma ideia, completam-se mutuamente e criam uma nova entidade como os símbolos da estática □ e da dinâmica +.



O mesmo se refere à “cruz solar” ou “cruz elementar”, cujos braços correspondem:

- o superior – ao fluxo vindo do astral superior;
- o inferior – ao fluxo vindo do astral inferior;
- o esquerdo – (refletido num espelho) ao movimento giratório provocado pelas duas correntes, ou seja, ao turbilhão;
- o direito – ao movimento progressivo, evolutivo ou involutivo, dependendo do predomínio do fluxo superior ou do inferior.

Essa cruz astral – a cruz da vida – representa as manifestações relativamente estabilizadas, e cada ser vivo homem ou animal – a possui em si.

Da preponderância desse ou daquele fluxo na cruz da vida, depende o caráter do turbilhão astral, sua estabilidade, e o grau de harmonia de determinada entidade. Quanto mais harmonioso é o ser em questão, tanto mais será capacitado para a vida.

A esse Arcano pertencem ainda dois outros tipos de cruz:

1. A suástica, ou a cruz em movimento, considerada evolutiva quando gira no sentido anti-horário e involutiva, quando o movimento é oposto.
2. A cruz do Hierofante ☩ que simboliza a plena harmonização de todos os três planos, sob a ação do influxo superior.

Falando da cruz do Hierofante, queremos acrescentar algumas palavras sobre a cruz da Igreja Ortodoxa. Sua travessa superior, a do plano mental, mais curta, indica a menor importância dada ao elemento intelectual nessa igreja. Ela faz lembrar também a placa INRI, na cruz do Gólgota. A travessa do meio, a mais comprida, simboliza os sentimentos e sublinha a predominância dada por essa igreja ao amor, ao coração e ao elemento místico. A travessa inferior – a do plano físico – é curta e inclinada e indica a pouca importância dada ao corpo físico, sublinhando o valor do ascetismo (✚).

A cruz da Igreja Católica possui proporções idealmente harmoniosas ao Numero de Ouro (*le Nombre d'Or*). Seu ponto central é o coração de Jesus. Ela enfatiza o sofrimento de Jesus, a fé cega no dogma e a obediência à hierarquia. O plano intelectual e o valor da ascese do corpo físico não desempenham papel importante.

Existe ainda um outro símbolo do mesmo arcano. É  a configuração formada na lâmina pelos braços e pelas pernas do Imperador. É o símbolo da “Obra Magna” ou do “Enxofre” dos alquimistas ou, ainda a imagem da atuação da lei IHVH no campo do Hermetismo Ético e da alquimia. Indica que o processo da transmutação – seja a transmutação humana, interna (em ouro da alma), ou a transmutação alquímica dos metais comuns em ouro – se produz por meio de química estrutural dentro de uma mesma substância (cruz elementar); no entanto, essa purificação ou enobrecimento deve ser feito sob a influência superior (triângulo ascendente).

Na lâmina do Arcano IV o bastão abaixado indica o início da realização externa, ou seja, a manifestação do processo que, até então, permaneceu interno. O quadro aponta as condições necessárias para uma realização positiva no plano do homem. São estas:

1. A própria harmonia interna (cruz do Hierofante);
2. O alvo evolutivo (suástica, a águia em vôo);
3. 3. A capacidade de atuar nos três planos (a tríplice tiara);
4. 4. A subordinação da força ao princípio do amor (predominância do signo de Vênus sobre o de Júpiter)

A força e a autoridade são indispensáveis na formação de uma nova entidade. São necessários, por exemplo, na formação e na estabilidade de uma família.

O nome *Adaptatio* refere-se à capacidade de adaptar a força na realização de um determinado processo.

O nome “Imperador”, e não “Rei”, sublinha o sentido terrestre e o papel realizacional do Arcano IV.

A antiga cruz egípcia, chamada “cruz solar” com 4 braços iguais (2 verticais e 2 horizontais), representa a lei da formação das correntes astrais. O braço vertical superior simboliza as forças do astral superior. Girando, ele leva consigo os princípios espirituais limítrofes, dirigindo-os em direção à concretização. O braço inferior, o astral inferior, arrasta do mesmo modo os elementos do plano material que se sutilizam à medida da sua elevação. O encontro dessas correntes se processa e toma lugar no centro da cruz, provocando um turbilhão que, por sua vez, cria o movimento giratório cuja força e direção dependem da qualidade das correntes astrais. O nome “cruz solar” é ligado ao plexo solar localizado na parte inferior do peito humano, o centro das correntes astrais da alma.

Tudo o que vive possui em si essa cruz da vida, base do princípio vital. A cruz astral dos animais, que possui muitas graduações, tonalidades e graus de estabilidade, está num nível inferior ao da cruz humana. A última recebe fortes correntes superiores. Da predominância dessas influências depende o grau de consciência do ser humano. A alma animal depende totalmente de influências astrais, e essa é a razão por que a cruz astral chama-se “cruz elemental”.

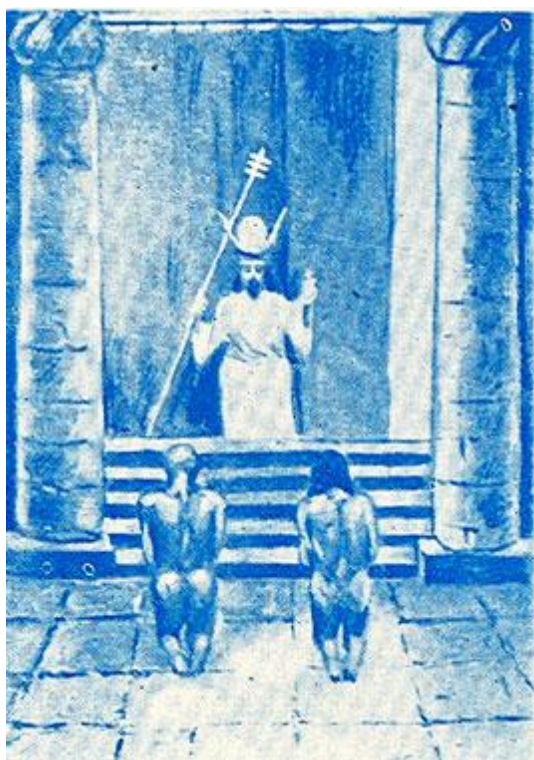
O ângulo reto formado (na lâmina) entre as duas paredes indica que o Arcano IV é uma transição para o mundo tridimensional das formas. A própria letra Daleth evoca a ideia de um ângulo reto. Mencionaremos, a propósito, que os Veneráveis da Maçonaria Jônica usam um ângulo de ouro como símbolo do seu grau.

ARCANO V

Símbolos Gráficos: Pentagrama , cruz elemental com um ponto no meio , pirâmide de base quadrada.

A cruz de braços iguais com o ponto central, projetada ao plano tridimensional, forma uma pirâmide. A pirâmide é uma construção totalmente estável, encimada por um ponto: o Princípio Divino. É o símbolo da construção harmoniosa do Cosmos e, também, do Princípio Hierárquico.

Se a cruz elemental simboliza a vida, o 5º elemento, o ponto central (ou, também, o ápice do pentagrama) simboliza a “Divina Essentia”. Graças ao 5º elemento, a cruz elemental torna-se a cruz humana, isto é, uma alma humana (Psique). Evoluindo, o homem manifesta o Princípio Divino, transmutando e harmonizando os elementos inferiores. Em outras palavras, o Princípio Divino, imerso na matéria, pelo seu sacrifício eleva a matéria a um nível superior. Essa é a ideia básica do sacrifício na cruz. O nome do Arcano – *Magnetismus Universalis* – sublinha o poder de atração, magnético, do Princípio Superior que atrai e une os elementos dos planos inferiores.



O Arcano II – Beth – isto é, o Arcano HE do primeiro quaternário, simboliza a sabedoria. O Arcano V, que é o Arcano HE do segundo quaternário Iod-He-Vau-He, inclui em si também a ideia do conhecimento, mas do autoconhecimento que segue o conhecimento comum. O autoconhecimento distingue o ser humano dos outros animais que, todavia, podem possuir o conhecimento. O autoconhecimento se desenvolve graças ao acréscimo do Princípio Divino à cruz elemental. É a influência desse 5º elemento que leva o ser humano. Essa procura a essência interior de tudo o que é manifesto.

Essa procura é diferente da procura do conhecimento comum. A última resulta da experiência da receptividade exterior e de deduções lógicas, enquanto que a necessidade da procura do autoconhecimento é a consequência da experiência interior, supra-racional, isto é, do contato místico com o Princípio Superior. É o caminho da realização humana.

O terceiro título do Arcano – *Religio Naturalis* – é o reflexo do mesmo Princípio no plano da Natureza. É a força vital que transforma a natureza morta em viva, que faz um elemento químico se tornar uma célula viva, fato que, até agora, continua sendo um dos maiores mistérios da Natureza para a ciência oficial. O afastamento dessa força vital resulta em desagregação da matéria, isto é, em morte.

A energia manifesta-se pelo movimento livre, rítmico e espiral da substância primordial. Nos lugares em que a força de vontade humana cruza uma espiral, forma-se outro movimento circular que, aproximando-se do plano físico, fica mais condensado. Tais movimentos chamam-se turbilhões, e a capacidade de criá-los no astral constitui a base do poder mágico.

O Arcano V é a aplicação da vontade humana. É por isso que é chamado de Grande Arcano da Magia. Assim, o Hierofante, com sabedoria e autoridade, aplica sua vontade em relação às entidades que lhe são hierarquicamente inferiores.

O símbolo do pentagrama usado na magia chama-se “Estrela dos Magos”.

Na lâmina, a figura do Hierofante simboliza o ponto central da cruz ou, também, o ponto superior do pentagrama. As duas colunas e as duas figuras humanas são os outros quatro pontos que representam os binários polarizados, simbolizando o quadrado, ou seja, uma base estável.

Na lâmina, o pentagrama está repetido três vezes:

1. O Hierofante entre duas colunas e dois seres humanos;
2. Três planos na cruz do Hierofante e os dois chifres;
3. Cinco manchas luminosas no chão;

É um pentagrama em cada um dos três planos.

O princípio quántuplo de vida caracteriza cada criatura viva, física ou astral. Os cinco atributos de cada criatura física são:

1. Nascimento de um ser semelhante;
2. Crescimento;
3. Alimentação;
4. Capacidade de multiplicação;
5. Morte, ou seja, passagem de um plano a outro.

Os chifres, na lâmina, são: um de ouro, outro de prata.



ARCANO VI

Símbolo Gráfico: o hexagrama .

A capacidade de perceber a Unicidade através das diversidades existentes em manifestações, assim como a capacidade de descobrir a diferenciação nas manifestações semelhantes, fazem parte da iniciação ao Arcano VI.

Na lâmina, a flecha indica a direção evolutiva (contra os ponteiros do relógio). A direção oposta do simbolismo indica sempre a involução, ou seja, “casar com a própria mãe”.

O “meio ambiente”, no sentido esotérico, significa não apenas o ambiente externo, mas também a composição interna da personalidade humana.

O arbítrio humano é potencialmente livre, mas o “meio” pode influir na decisão. Superar previamente as influências negativas do “meio” é muito importante para que a escolha seja verdadeiramente livre e evolutiva. O

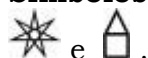
“meio” representa o princípio da estagnação, da imobilidade, governado por Touro.

Na lâmina, o arco é de prata; a flecha, de ouro. O moço não avança, está parado, indeciso. Não sobe nem desce.

A lâmina deste Arcano é a primeira que não tem um significado simbólico. Ela é alegórica.

ARCANO VII

Símbolos Gráficos: a estrela de sete pontas



O nome “Vitória” refere-se à vitória sobre si mesmo, depois da escolha certa no Arcano VI, assim como a vitória sobre o “meio ambiente”. O “Vencedor” não apenas sabe lidar com os binários, mas sabe fazer servi-lo, apesar de estes serem ativos (esfinges, rodas em movimento).



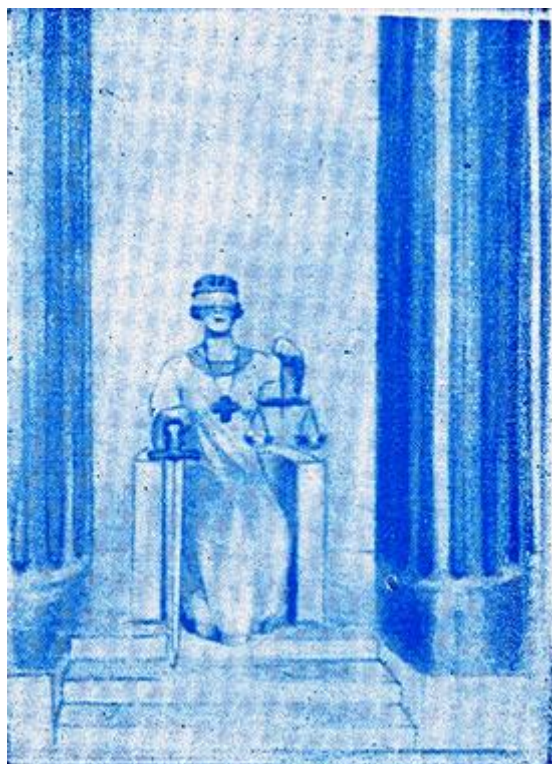
O nome *Jus proprietatis* indica que somente aquele que venceu sua própria natureza inferior é o verdadeiro dono de si mesmo.

Na lâmina, as rodas são da cor de crisólito (amarelo esverdeado).

ARCANO VIII

Símbolo Gráfico: um quadrado de ouro dentro de um quadrado de prata, ou seja: atividade (ouro) equilibrada pela receptividade (prata).

No campo da filosofia, a verdade é alcançada pela grande objetividade e a compreensão simultânea de todos os fatores e de suas mútuas influências. Na arte, a verdade é obtida pela união harmoniosa da ideia com a forma que a envolve. A vida social



aproxima-se da verdade pela manutenção do justo equilíbrio entre os princípios da liberdade e da ordem. No Hermetismo Ético, seguir o caminho da verdade é manter o equilíbrio entre a Vontade e o Karma.

Saber adaptar o princípio de equilíbrio a cada campo da vida corresponde à iniciação ao Arcano VIII.

O Arcano VIII é um duplo 4, ou seja, ele representa duas realidades simultâneas, de dois modos opostos, mas unidos.

No plano Divino, o conceito *Libratio* corresponde à contínua e absoluta “equilibração” como base do Universo em todos os planos. Esse permanente retorno ao equilíbrio pode ser comparado ao estado de uma solução saturada, imediatamente antes do início da cristalização. Qualquer perturbação no equilíbrio da balança traz uma consequência inevitável: o restabelecimento do equilíbrio infringido. Quando a transgressão do equilíbrio abarca um campo mais extenso (nacional, racial ou

mesmo geral humano), as consequências podem ser terríveis. Podem manifestar-se rápida ou mais lentamente, como cataclismos ou degeneração, e resultar no desaparecimento de culturas, de raças e civilizações, mas o restabelecimento virá inevitavelmente.

É essa constante “equilibração” nos três planos que causa a perpétua vibração de tudo o que existe.

Na lâmina, o azul sublinha os atributos jupiterianos: ordem e legalidade. O ouro da fita na cabeça, da cruz no peito e da espada indica que a verdade deve ser afirmada ativamente nos três planos; os pratos da balança têm forma quadrada: um é de ouro, outro de prata.

A tradição vincula ao Arcano VIII os três nomes Divinos: IHVH, EMESH e AGLA, pois todos os três, na análise cabalística, dão o número 8.

ARCANO IX

Símbolo Gráfico: a figura do Grande Arcano da Magia  ou  ou seja, 3 + 2 + 4.

O Arcano IX diz respeito ao processo de Iniciação, isto é, à expansão de forças internas do ser humano através da aceleração do processo evolutivo.

É preciso diferenciar bem a Iniciação esotérica da exotérica. A última não passa de forma puramente exterior, parecida com uma ação teatral, e corresponde à entrada de uma pessoa numa organização.



A cerimônia da Iniciação esotérica corresponde à tradição da Egrégora da corrente na qual o iniciando está sendo recebido. Seu ritmo é harmonizado com o da corrente, ou melhor, é incluído nele. Nas correntes em contato estreito com suas Egrégoras no plano superior, a Iniciação é a transmissão, em nome da Hierarquia egregórica, de um determinado grau de força espiritual e mágica ao iniciando. Nessas condições, pela Lei oculta, os símbolos adequados e seu uso correto põem em atividade as forças reais que esses símbolos representam. A força recebida pelo iniciando provém, por via de transmissão direta, dos criadores de determinada Egrégora.

A Iniciação é REAL somente quando a Egrégora continua possuindo seu poder espiritual e mágico.

A Iniciação não é outra coisa senão o batismo pelo fogo-Espírito. Ela incentiva o processo da transmutação das células e a morte da natureza inferior e das emoções e pensamentos a ela ligadas (*Ignem Natura Renovatur Integra*).

O nome “Luz oculta” refere-se à luz interior, invisível para os outros, e que permite ver o caminho na escuridão, no deserto e na solidão. Essa luz deve ser preservada do mundo exterior. O grosso manto marrom-escuro é de lã – matéria isolante.

Na lâmina, 9 estrelas formam no céu o signo zodiacal do Leão: . O Zodíaco simboliza o plano físico no qual se realiza o processo de Iniciação. O signo de Leão – domicílio do Sol – indica a natureza solar, ativa, da Iniciação. A lanterna tem a forma cúbica. As três chamas representam aquilo que simboliza a letra Shin. A cobra, símbolo da Sabedoria, indica o Caminho.

ARCANO X

Símbolo Gráfico: círculo com um ponto no meio  (símbolo do Sol).

Este Arcano contém em si todas as etapas principais da evolução interior e, unificando-as, constitui uma passagem ao trabalho iniciático já no mundo do “não-Eu”, trabalho esse possibilitado pela realização da Obra interior.

O Arcano X conclui a primeira década dos Arcanos. Todos os problemas encontrados nessa década referem-se ao mundo dos princípios. Ela trata dos conceitos abstratos, metafísicos, relativos a Deus, ao Universo e ao Homem. Esse ensinamento corresponde ao conteúdo da Cabala e, por causa disso, um dos títulos do Arcano X é “Cabala”.



O Arcano X dá a ideia de uma revolução completa da roda da vida. Todavia, a roda continua girando e recomeça um outro ciclo. O movimento cíclico é uma das leis da evolução universal. Cada processo criativo segue um movimento cíclico, mas cada novo ciclo, embora se pareça com o anterior, possui algo novo.

Os títulos do Arcano comprovam a ideia de ciclos que existem em todos os planos e aspectos. No plano superior – *Testamentum* – indica as etapas da evolução espiritual da humanidade; o ciclo precedente deixa sua herança ou “testamento” ao seguinte. No campo religioso, pode servir de exemplo o Novo Testamento cristão, que veio substituir o Velho Testamento judaico. No campo da vida individual, o “testamento” é a experiência, o valor interior adquirido no ciclo vivido e que, no ciclo seguinte, achará sua aplicação e realização no mundo do “não-Eu”.

O segundo título – *Regnum Dei* – expressa a mesma ideia, mas de modo um tanto diferente; a realização interior do Iniciado, resultado dos

novos Arcanos anteriores, deve ser aplicada exteriormente no trabalho para a evolução universal e pela participação na criatividade Divina, o que não é outra coisa senão o estabelecimento do “Reino de Deus”.

O título “Ordem” é ilustrado pelo “Moinho do mundo” na lâmina do Arcano. Ela apresenta uma ordem Cósmica no plano da Natureza. É um movimento circular, ordenado e evolutivo. A descida muda-se em subida e vice-versa, permanecendo, as duas, evolutivas, fazendo-nos lembrar, todavia, que a elevação durante um ciclo pode ser seguida por uma decaída num outro.

O Arcano X é a conclusão da primeira década e, como tal, muda-se no primeiro Arcano de um novo ciclo. Sua lâmina é profundamente simbólica. Nela existem, de novo, todos os instrumentos do “Mago” da lâmina I, porém transformados do estado estático ao cinético. A moeda é agora a roda em movimento. O bastão do “Mago” é o Caduceu; a taça é a concavidade da onda; a espada está na mão da Esfinge; o próprio “Mago” é agora o hexagrama, mantendo a roda da vida. O sentido em que gira a roda mostra que o movimento geral é evolutivo, mesmo que individualmente possa ser involutivo. Tiphon, arrastado pela roda, ao alcançar o ponto mais baixo, transforma-se em Hermanúbis. Em outras palavras, o que involui na primeira metade do movimento evolui na segunda. Além disso, nas figuras de Tiphon e Hermanúbis encontramos outros detalhes simbólicos. Na mão de Tiphon o tridente abaixado forma a letra Shin, letra do Arcano XXI que, em certo aspecto, lida com o problema do ilusório. As duas figuras, Tiphon e Hermanúbis, simbolizam o movimento diabático e anabático através do sistema sefirótico, isto é, as passagens do sutil ao denso, e do denso ao sutil. As figuras, encontrando-se no mesmo nível, indicam o equilíbrio dos dois movimentos. O Caduceu que sustenta o eixo da roda, além da Lei IHVH, junto com a concavidade formada pela água, apresenta a figura do Lingam. É o Bastão que fecunda a Taça.

A roda é de cor indefinida. O corpo de Tiphon é coberto de escamas de peixe, de cor vermelho-escuro; a cauda é verde. Seu rosto é deformado pela maldade. Na mão segura ele um bidente de ouro, dirigido no sentido do movimento da roda. De outro lado, Hermanúbis segura um caduceu de ouro com cobrinhas de prata. Em cima, uma Esfinge branca com uma espada brilhante na mão.

Resumindo o conteúdo dos dez primeiros Arcanos no caminho iniciático, teremos:

1. Conscientização do Princípio Divino no homem “Eu Sou”.
2. Conscientização da existência do mundo “não-Eu”, como campo a ser conhecido (princípio binário).
3. Desenvolvimento da capacidade de neutralizar corretamente os binários e, como consequência, obter a criatividade em três planos.
4. Configuração desse processo numa forma determinada e investida de autoridade.
5. Certeza de que somos um pentagrama imortal, capaz de seguir um caminho ascendente.
6. Plena consciência do livre-arbítrio na escolha desse caminho.
7. Vitória sobre os elementos involutivos de sua personalidade e harmonização da mesma.
8. Compreensão e aceitação do Karma e na necessidade do trabalho para superá-lo.
9. Iluminação iniciática interna, consequência do caminho já percorrido.
10. Manifestação do seu potencial espiritual pelo trabalho no mundo exterior.

ARCANO XI

A ideia básica do Arcano: a força, sua graduação e subordinação segundo a Lei Hierárquica. Quanto mais elevado é o plano, tanto mais real e poderosa é a força. Isso resulta em predomínio do mundo espiritual sobre o astral e deste sobre o físico.



Na lâmina, o signo do Infinito simboliza a força espiritual; a moça – a força astral; o leão – a física. A mocinha, aparentemente delicada e fraca, domina um poderoso leão.

Todavia, a força psíquica só poderá dominar o plano físico quando ela mesma está em íntimo contato com o plano espiritual (a luz do signo do Infinito ilumina o rosto da moça).

Quando o princípio espiritual é a base da existência do ser humano, sua força psíquica torna-se inesgotável, pois sua fonte é infinita. No entanto, a capacidade de receber e de transmitir essa força exige uma grande pureza, assim como uma aspiração constante e inabalável (aspectos superiores de Marte) e, também, dedicação e harmonia interna (aspectos superiores de Vênus).

O processo da subordinação das forças pode, também, ser apenas interno. Consistirá, então, em superação interior de todos os aspectos inferiores da personalidade.

A inversão da ordem hierárquica das forças, isto é, o predomínio do “leão” não domado, leva à vitória da natureza inferior humana e ao retrocesso espiritual.

A relação do Arcano XI com o X lembra a do Arcano II com o I. E a passagem ao mundo do “não-Eu”. Encontramos aí, novamente, a ideia do binário (moça e leão, duas mandíbulas).

Ao estudo da força nos três planos pertence o estudo das formações astrais, isto é, as Egrégoras, formadas por correntes de pentagramas. Como já foi dito, o número 10 expressa uma nova unidade. O número 11 – a força espiritual – representa o ideal comum que transforma essa coletividade numa nova UNIDADE, mas já urna unidade maior – uma EGRÉGORA.

O Arcano XI é uma nova fase de realização da força do “Mago”, força que se afirmou gradativamente e se manifestou no mundo exterior. Passando a um plano superior, ela cria em volta de si uma corrente iniciática. Cada Egrégora tem sua própria cor e tonalidade.

ARCANO XII

Símbolo Gráfico: ⚥

O nome erudito do Arcano é *Condemnatio*; o nome comum: o “Enforcado”. Seu tema básico: Lei do Sacrificio. É o sacrificio do superior para o bem do inferior, a descida do espírito à matéria, a imersão do sutil no denso. Quem alcançou a Iniciação (Arcano IX), transmitiu ao meio ambiente o resultado de suas realizações (Arcano X) e formou uma corrente (Arcano XI); deve completar sua missão sacrificando-se em prol da sua Egrégora. Somente pelo dom do “ouro” de seu espírito é que o Iniciado eleva espiritualmente o meio pelo qual se sacrifica.



O título *Zodíacos* indica que o campo do sacrificio é o plano físico. A realização do poder espiritual não é possível sem o oferecimento de si mesmo em sacrificio. Toda força espiritual tem como fonte o sacrificio ativo. Todas as religiões nasceram do sacrificio do seu fundador.

O Arcano XII é um desenvolvimento do Arcano III, porque fala de um novo nascimento (▽), mas de um nascimento espiritual através do sacrificio. O sacrificio voluntário no plano físico resulta em nascimento de algo de novo no plano superior.

A figura do Enforcado na lâmina do Arcano XII delinea claramente o ciclo alquímico (⚥) da transmutação do metal comum em ouro.

Notamos também que, em certo sentido, a lâmina do Arcano XII parece ser a inversão da lâmina do Arcano IV. O “Imperador” com seu poder e autoridade é substituído por um enforcado nu. A coroa de ouro na cabeça do Imperador muda-se em chuva de ouro, caindo

do cabelo do enforcado para fertilizar a terra, para elevar e transmutar o ambiente.

A lâmina do Arcano XII apresenta o triunfo aparente da matéria sobre o princípio espiritual, da vitória ilusória das forças materiais sobre tudo o que é nobre e espiritualizado.

O número que corresponde ao Arcano XII é o 30 e indica a imersão da natureza Divina (3) na matéria. No Evangelho encontramos esse número profundamente simbólico, 30, como “preço do sangue”, estreitamente ligado ao sacrificio do Gólgota.

Todos os 3 outros títulos do Arcano – Caritas, Messias e *Zodíacos* – lidam com a mesma ideia básica: amor ao próximo, que leva ao sacrificio de si e se realiza no plano físico.



ARCANO XIII

A morte tem poder apenas sobre os invólucros inferiores. Esses -- o corpo físico, o astral e o mental inferior -- constituem a personalidade passageira sujeita a modificações e à destruição consecutiva. Os invólucros superiores constituem a individualidade permanente.

Na lâmina, a foice é de ouro; seu cabo, de prata. Trata-se de uma apresentação particular do Lingam, símbolo da fecundação. Neste caso, a fecundação é pela morte e o nascimento toma lugar no plano superior.

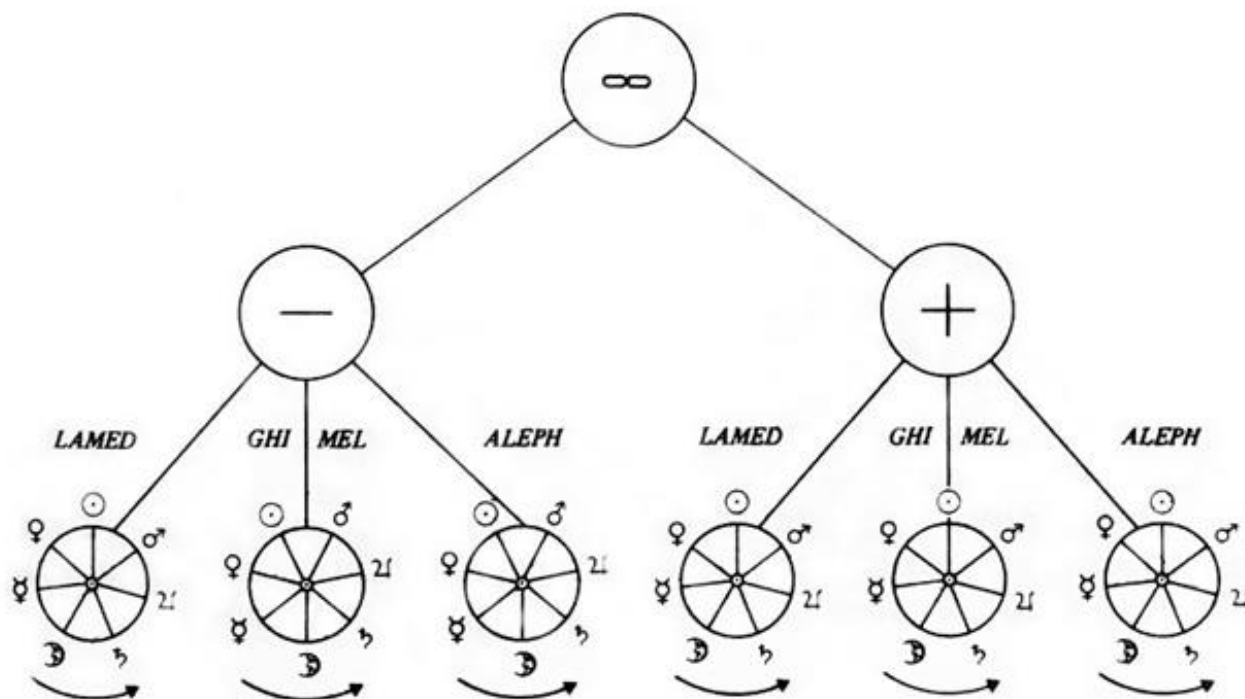
O Iniciado que se sacrifica voluntariamente no plano físico nasce para a vida imortal.

ARCANO XIV

A energia espiritual desce da fonte inesgotável à matéria. A matéria é transmutada em energia espiritual. As asas brancas do Gênio batem de

cima para baixo e de baixo para cima. A vida no mundo físico segue a do astral e vice-versa.

Abaixo apresentamos o esquema da diferenciação e Reintegração da Divina Mônada, segundo a Tradição esotérica Ocidental:



A primeira consequência da descida da Mônada é sua divisão em aspectos masculino e feminino. Em seguida, vem a divisão de cada uma dessas metades em três tipos de alma, chamados em geral de Aleph, Ghimel e Lamed.

Descendo ao plano físico, cada um desses tipos deve passar pela experiência planetária e aperfeiçoar os sete tipos básicos planetários, isto é, passar por encarnações sob a influência dominante de cada um dos sete planetas consecutivamente, até realizar uma

harmonização completa desse determinado aspecto planetário. As encarnações sob a mesma influência planetária podem ser várias e até muitas.



As rodas inferiores simbolizam 7 encarnações básicas de cada aspecto da individualidade (Aleph, Ghimel e Lamed), representada pelo ponto central da roda, e que encarna sob a influência dominante de um dos sete planetas. As flechas indicam que as rodas giram no sentido evolucionário. Os planetas estão colocados de acordo com a ordem dos anos planetários.

Assim, há pelo menos 42 encarnações básicas, ligadas à mesma Mônada, isto é, 21 da sua polaridade masculina e 21 da feminina. Teoricamente é passível que haja até 6 personalidades provenientes da mesma Mônada e encarnadas simultaneamente. Essas personalidades, sejam masculinas ou femininas, possuirão uma grande afinidade e um sentido de se completarem mutuamente. Serão almas gêmeas em espírito. Praticamente, a encarnação simultânea, mesmo que seja de apenas duas dessas almas, é extremamente rara e considerada como privilégio kármico.

Ao alcançar a harmonização de cada um dos aspectos da individualidade (Aleph, Ghimel e Lamed), eles se unem formando uma só individualidade aperfeiçoada e permanente, de polaridade masculina ou feminina.

Depois vem a fusão das duas polaridades numa só unidade andrógina. Esta se une a outras unidades andróginas aperfeiçoadas, guardando todavia sua identidade. É a *RESTITUTIO*, ou seja, o retorno à condição humana existente antes da queda da Humanidade.

Essa nova unidade, divina e completa, unida às outras e, no entanto, única em seu caráter individual, continua sua elevação para tornar-se colaboradora do Aspecto Criador.

COMPLEMENTO AO ARCANO XIV

A energia pode tomar a forma de matéria e esta, de novo, transformar-se em energia. São processos reversíveis da passagem do sutil ao denso e vice-versa, representados na lâmina pelo fluxo que passa da jarra de ouro para a de prata e, novamente, retorna à de ouro. Algo de análogo acontece com o ser humano. Neste sentido, o Arcano XIV pode ser considerado como continuação do XIII, pois os estados sutis e densos – desencarnados e encarnados – seguem-se na existência do ser humano, até este alcançar a Reintegração.

O estudo mais aprofundado do Arcano XIV abrange o ensinamento referente à Mônada, ao androginato, aos três tipos básicos de almas e, finalmente, à diferenciação septenária, planetária. Desta última dependem as características da **personalidade encarnada** isto é, do pentagrama imerso na matéria. Por causa disto, o Arcano XIV é, amiúde, chamado Arcano da personalidade. Constitui um reflexo do Arcano V. Seu valor numérico (14 → 5) e sua correspondência à letra hebraica Nun (valor 50) o confirmam.

O título do Arcano no plano do Homem – “Harmonia mixtorum” – indica sua ação harmonizadora, tanto nas coletividades – pela integração e completamente mútuo de seus membros – como na personalidade humana que, também, é um conjunto de diversos componentes. A plenitude da personalidade adquire-se pela

multiplicação e polimento de todas as suas facetas, pela transmutação de seus atributos planetários inferiores em superiores e pelo desenvolvimento do androginato interno, por meio de cultivo das qualidades da polaridade oposta de cada planeta, especialmente do dominante. A harmonização abrange os três planos: o mental, o astral e o físico. Somente a realização de uma síntese completa e perfeita permite à personalidade ultrapassar o seu próprio plano – o da personalidade – e alcançar o da individualidade imortal.

Existe ainda um outro aspecto do Arcano XIV, puramente místico, no qual a jarra de prata simboliza a alma humana, recebendo o fluxo divino da jarra de ouro.

ARCANO XV

Na lâmina, os chifres formam a figura de uma taça – símbolo de passividade; porém são de ouro – símbolo da atividade. A chama (atividade) entre os chifres é prateada (passividade). A figura inteira apresenta a letra Shin e indica que o mundo, devido à inversão dos valores (pentagrama invertido) é regido pelo poder da matéria que – na realidade passiva e ilusória – tornou-se um fator que incentiva a atividade.



O Arcano XV lida com o turbilhão geral da substância astral que envolve o nosso planeta. Esse turbilhão é criado pela totalidade das emanções humanas, elas vibrações causadas por pensamentos e emoções. Seu símbolo é a personificação do *estado espiritual da humanidade*: Baphomet. Nele, logicamente, existem tanto os elementos involutivos como os evolutivos. Se na humanidade existissem somente os elementos evolutivos, todo o aspecto de Baphomet mudaria. Infelizmente, a humanidade ainda está sob seus pés, isto é, ela continua ainda a ser dominada por falsos valores, criados por ela própria. Essa triste situação é apresentada na lâmina elas duas figuras humanas, de sexo oposto, acorrentadas. É o quadro de uma sujeição psíquica e física, consciente ou inconsciente, dos seres humanos ao astral involutivo e às entidades que nele nascem e dele se nutrem. O Arcano XIV apresentava a bipolaridade em seu aspecto harmonioso. O Arcano XV apresenta a imagem da degradação e da escravidão sexual. O ser humano que, potencialmente, é

um mago branco, torna-se vítima da magia negra.

Todo o estudo do nascimento dos turbilhões astrais, tanto' evolutivos como involutivos, pertence ao campo do Arcano XV, um Arcano “Vau”.

Ao Arcano XV pertence também o estudo daquilo que poderia ser chamado de “sentido mais amplo da magia”, isto é, das influências dos fatores mais positivos sobre os mais passivos. Essas influências podem manifestar-se no campo da natureza (por exemplo: a utilização de suas forças), ou da influencia do ambiente sobre o indivíduo e vice-versa, da influência de um humano sobre outro (por exemplo: ensino, educação, doutrinação) ou, finalmente, de um ser humano sobre si mesmo, isto é, sobre seu corpo físico (disciplina, hábitos, treinamento, etc.), sobre seu corpo astral (controle de emoções, fortalecimento de qualidades psíquicas, etc.), sobre seu intelecto (estudo, desenvolvimento das faculdades mentais, etc.), desenvolvimento da vontade, etc. O trabalho sobre si mesmo faz parte de cada preparação iniciática.

ARCANO XVI



De acordo com a Lei, tudo o que carece de base espiritual, tudo o que afeta a harmonia, tudo o que contraria o plano da evolução geral é destinado, mais cedo ou mais tarde, à destruição.

O Arcano XV tratava da existência de fatores negativos. O Arcano XVI apresenta as consequências desastrosas desses fatores

A fonte principal das criações da vida terrestre é a mente humana que concebe as ideias. Estas impregnam-se em seguida de substância emocional (astral), encaminhando-se à realização do plano físico. No entanto, se essa realização não possui um elemento superior estável, então, depois de ter esgotado a energia de seu impulso inicial, começará a se desagregar em todos os três planos. Segundo a Lei dos Planos, a desagregação inicia-se no plano mental tudo apagamento do fator ideológico ético, seguindo-se o desaparecimento dos impulsos astrais e, conseqüentemente, da Egrégora, finalizando com

a destruição no plano físico.

Na lâmina, a Torre não tem janelas, o que indica seu caráter involutivo, pois a luz não pode penetrar nela. Ela lembra a bíblica Torre de Babel, símbolo do orgulho humano.

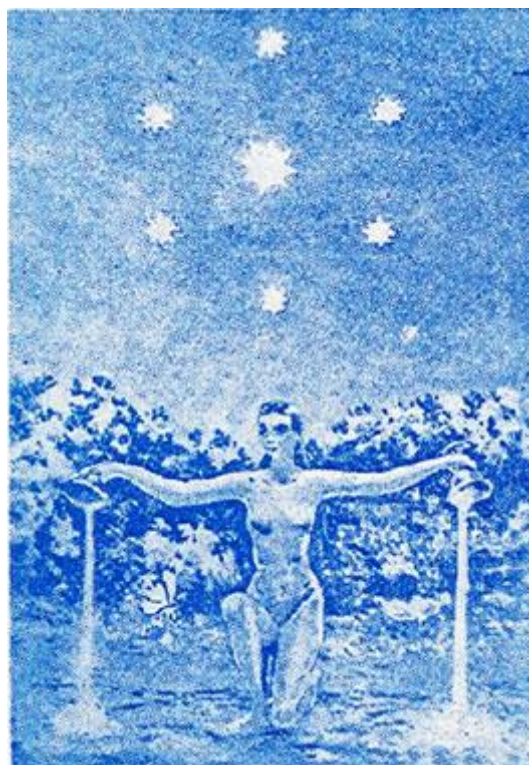
A Torre da lâmina está sendo destruída por um raio – Força Superior que desce, formando um triplo ziguezague, isto é, atinge os três planos.

A queda ideológica e ética sempre acarreta um desmoronamento no plano físico, podendo atingir um indivíduo, um clã, um império, uma civilização inteira e, até, tomar proporções planetárias. Tudo e todos são iguais diante da Lei Divina, como também diante da morte. Isso é simbolizado, na lâmina, pela queda de um ser coroado.

Muitos desmoronamentos, todavia, não são causados pela intervenção da Força Superior, mas por elementos do mesmo plano, como, por exemplo, pelo “choque de retorno” de energia negativa, que volta ao seu criador, seja uma família, uma nação ou uma civilização.

ARCANO XVII

As forças da Justiça e Harmonia Universal, que no Arcano XVI causaram a destruição, podem, também, manifestar-se de modo oposto, ou seja, trazendo renascimento em todos os planos da vida, despertando no ser humano a profunda convicção da finalidade superior da vida, a convicção de que tudo faz parte do Plano Divino, de que as Forças Superiores que regem este Plano regem também a vida dos seres humanos, beneficiando-os e protegendo-os.



Este grande dom de Esperança é o campo do Arcano XVII. Na lâmina, a jarra de ouro simboliza o elemento ativo de cada aspecto da Esperança, o elemento que, confiante, constrói o futuro. A jarra de prata é o elemento passivo que, embora as dificuldades, aguarda pacientemente a vinda da ajuda superior.

A borboleta que, em seu desenvolvimento, atravessa diversos estágios toscos antes de manifestar sua beleza, é um antigo símbolo da alma – da “Psique” – em que também, a beleza futura, permanece por muito tempo invisível.

ARCANO XVIII

A humanidade não está preparada para entrar em contato direto com a força da hierarquia espiritual. O homem, em seu estado atual, pode suportar essa força apenas quando transmitida, isto é, quando refletida, como é a luz solar pela Lua.

A luz lunar é vista somente à noite, quando sua fonte – a luz solar – permanece invisível. Do mesmo modo, a hierarquia permanente invisível na Terra. Esta é a razão pela qual a humanidade em geral não conhece, nem mesmo acredita na existência da hierarquia espiritual. No entanto ela está sempre ativa através de seus representantes.

A lua pode ser crescente ou minguante, assim como a força transmitida pode ser evolutiva ou involutiva, pois não existe apenas a hierarquia da luz, mas também a das trevas. As duas estão chefiadas e compostas por diversas entidades imateriais, mas participam delas também seres humanos encarnados que, conscientemente, escolheram a luz ou as trevas. Ambas as hierarquias agem no plano físico, sempre através dos seres humanos.

Da hierarquia da luz fazem parte todos os que ao terminar sua evolução terrestre, voluntariamente permanecem na esfera do nosso planeta para ajudar na sua evolução. Arcano XVIII lida com o campo oposto, o da influência destruidora do mal, do reino do dualismo e dos binários não neutralizados.

Na lâmina, a Lua é minguante, é a “Hécate”, cuja luz é considerada involutiva. Do ponto de vista superior é um aspecto ilusório, mas, vista do plano mais baixo, prece uma realidade.

As pirâmides são truncadas. Falta-lhes o cume neutralizador. Elas acabam, encima, por um quadrado, símbolo da matéria e de suas limitações.

O caminho da lâmina é um caminho involutivo. A ausência de um ser humano na senda é muito significativa: indica que aquele que a segue está destruindo a si próprio, perdendo sua força vital. O sangue na senda alude aos crimes das forças ocultas. O peregrino tornou-se invisível, só o sangue testemunha a sua presença.

Este é o único Arcano em cuja lâmina não há presença humana.



ARCANO XIX

Depois do tenebroso Arcano XVIII, o XIX é um contraste total. Sua imagem é inundada por raios do Sol levante



O Arcano XVII falava de esperança, mas o próprio Arcano encontrava-se entre o da destruição catastrófica e o das trevas.

A esperança aparece para dar um impulso espiritual e sustentar os que procuram a Luz.

Seja qual for a grandiosidade da destruição, seja qual for a profundidade das trevas, tudo deverá ser atravessado. Então virá o Sol e desaparecerão os obstáculos do caminho.

O Arcano XIX corresponde à experiência humana de encontrar a Verdade e de estabelecê-la firme e claramente dentro de si. É a Iluminação Interior, o influxo do Alto, que transforma totalmente a vida, assim como o Sol ilumina e faz desaparecer as trevas. Todavia, essa experiência vem somente como fruto do próprio esforço, de um duro trabalho sobre si, da neutralização para cima dos binários internos que, não neutralizados, conduziram a um desenvolvimento unilateral ou a contradições internas. É a alquimia da Alma.

O alto muro na lâmina indica que esse processo se desenrola internamente e isolado das influências do mundo. A alquimia da Alma é o mais profundo, o mais misterioso de todos os processos da vida humana.

Esse estado só pode ser vivido pela própria pessoa; ele não pode ser ensinado nem transmitido a um outro ser.

Na terminologia maçônica, é a “construção do templo espiritual”. Na alquimia, é a transmutação de qualquer matéria em “ouro”. Às vezes, também, é chamado simbolicamente de “florescimento do pau”.

Este Sol interior é um tesouro cujo crescimento é ilimitado. Ele é uma fonte de sabedoria, de força e de felicidade.

ARCANO XX

O Arcano XIX falava da descida da Luz espiritual, como resposta do Alto ao trabalho interior do homem. O Arcano XX trata da mesma Força, mas que se manifesta como uma voz da trombeta angélica, voz que penetra nas profundezas para atrair o Alto.

Somente uma alma purificada pelo fogo da transmutação alquímica pode ouvir os sons da trombeta, pois essa alma já se afastou do ruído das atrações terrestres. Deixando o plano dos prazeres inferiores, ela passou ao dos superiores. O “ouro” que ela criou em si começa a buscar sua “pátria” espiritual.

Essa pátria pode ser uma Egrégora, pois cada ser humano que determina seu alvo e seu caminho vincula-se, consciente ou inconscientemente, a uma Egrégora com a qual está em sintonia por sua aspiração.



O campo do Arcano XX não mais é um trabalho volitivo e consciente, como foi o caso dos Arcanos anteriores, mas sim uma transfiguração misteriosa, causada pela aspiração. Aspirando, o homem começa a tornar-se semelhante ao objeto da sua aspiração.

Um outro aspecto do Arcano XX é a transformação do ser humano ao deixar seu invólucro físico.

A essência desses dois processos é a mesma: a passagem dos planos inferiores aos superiores. Em ambos os casos, é a “ressurreição”.

Cada alma humana é potencialmente imortal. No entanto, a verdadeira imortalidade, isto é, a permanência da consciência individual na qual se sintetiza a essência de todas as encarnações torna-se real somente quando a alma estabelece a ligação com seu Átomo Permanente (o princípio imortal que reencarna). Enquanto essa ligação não existir, a consciência pessoal se apaga

gradualmente no processo de se libertar de seus veículos.

A aquisição da continuidade da memória através das encarnações já é uma ressurreição parcial, pois renasce aquilo que havia morrido para a nossa consciência.

Na reintegração, o homem volta ao estado primordial, não decaído, e o ser espiritual pode envolver-se livre e voluntariamente da matéria, até criar para si um corpo físico e, dl, mesmo modo, pode desmaterializar-se voluntariamente, ou seja, “retirar-se em Si”, isto é, em seu Eu essencial.

A cor violeta da lâmina simboliza o caráter misterioso e oculto da ressurreição da Alma.

ARCANO XXI

O Princípio Primordial, sem atributos, expressa-se como aspecto ativo ou positivo ($+$) e negativo ou receptivo ($-$). Esses dois aspectos são simbolizados nos Arcanos Menores por Paus e por Copas, e no Hermetismo Êtico, pela vida primordial e pela substância primordial.

O inter-relacionamento dessas duas forças cria o terceiro princípio Divino: o Logos. Este possui em Si duas forças, ou seja, o aspecto $+$ e o aspecto $-$, isto é, a força expansiva e a atrativa.

Todo o Universo manifestado é um reflexo do Logos, tanto como consciência universal ou subjetiva, como o aspecto externo.

O 1º Logos, objetivando-se, cria o 2º Logos, ou seja, o homem andrógino celestial, chamado às vezes “Filho Único” ou “Adam Kadmon”.

A Triplicidade Primordial, imersa e limitada pela matéria, é geometricamente simbolizada pelo triângulo dentro do quadrado. Representa o sacrifício do Logos, ou seja, sua imersão voluntária na matéria.

No Arcano V falamos da cruz dos elementos e do quinto elemento – a quintessência – que é o ponto central da cruz. Isso se expressa na fórmula Iod-He-Shin-Vau-He.

No Ser humano, o Shin (Arcano XXI) é aquilo que atrai todas as suas energias, que constitui o centro de suas aspirações e desejos, algo por que ele deve lutar na vida, chegando às vezes, para isso, a cometer crimes. Alcançar o seu “Shin” representa para ele a maior das felicidades, e a sede da felicidade está implantada na natureza humana.



A luta para alcançar o seu “Shin” pode ser levada tanto o por um ser individual como por um grupo ou nação.

Para uma enorme maioria dos homens, os “Shins” pertencem ao mundo das ilusões: é a riqueza, o poder, a felicidade familiar, etc.

À medida que o homem evolui, seu “Shin” torna-se sempre mais elevado e espiritual. É a qualidade do seu “Shin” que caracteriza o ser humano e seu estágio evolutivo.

A desilusão para com o seu “Shin”, isto é, a perda de seu objetivo na vida é sempre uma experiência trágica. Ela cria um vazio interior. No entanto, muito poucas pessoas encontraram o “Shin” verdadeiro que ilumina e dá valor permanente à vida. As pessoas de natureza mais profunda, que se desiludiram com os “Shins” comuns, mas não encontraram o “Shin” verdadeiro, vivem um período penoso; para elas a vida perdeu o sentido. Porém, se a aspiração e a busca continuam, esse período pode conduzi-las à descoberta do valor real da vida. Esse valor se acha dentro de cada um de nós. A

compreensão disso, a aproximação gradual e a imersão no seu Ser Interior nos dá a felicidade permanente.

Isso não pode ser explicado nem ensinado, mas para quem tem, mesmo que seja só um vislumbre dessa felicidade, todos os “Shins” da Terra se esvanecem.

Nos Arcanos Menores, a procura dos “Shins” externos é simbolizada pelo estágio de Ouros. O período transitório, pelo de Espadas.

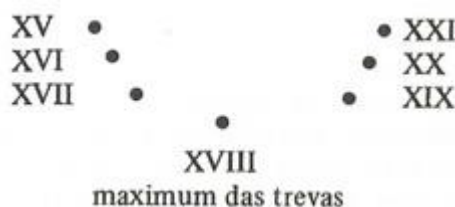
Se dividirmos os Arcanos Maiores em três septenários, mais o Arcano final, o XXII, veremos que o 1º septenário corresponde aos processos interiores conscientização de si, reação ao encontro com o mundo exterior, nascimento objetivo, formação o interior, individualização do seu pentagrama independente, escolha do caminho e, finalmente, o predomínio do espírito sobre a matéria. Esse septenário corresponde à letra “Iod” do Iod He Vau He.

O septenário seguinte – Arcanos VIII até XV – trata, além dos processos internos, da influência do meio ambiente, das condições e leis da vida, que influenciam ou mesmo regem o ser humano, isto é, do Karma; dos caminhos iniciáticos, da hierarquia, dos ciclos evolutivos e involutivos, regendo as correntes e as Egrégoras; da lei do sacrifício, da inevitabilidade da morte e renascimento, ou seja, da mudança de formas de existência; do androginato, das almas gêmeas e das encarnações cíclicas. Tudo isso existe fora do nosso “eu”, e corresponde à letra “He”.

O 3º septenário – Arcanos XV a XXI – inclui todas as experiências através das quais passamos durante a vida. Fala da involução devida aos falsos valores que criamos, da esperança que nos sustenta, das trevas que temos que ultrapassar e, finalmente, do tesouro interior, da ajuda da força do Alto e da necessidade de inverter todos os valores da vida e afastar-se daquilo que se revelou ilusório. Esse septenário corresponde à letra “Vau”.

O Arcano XXII corresponde ao segundo “He” e constitui a passagem para um novo ciclo.

Diagrama do caminho da alma através dos Arcanos XV-XXI



COMPLEMENTO AO ARCANO XXI

Um dos aspectos importantes deste Arcano é o problema do real e do ilusório, da aparência muitas vezes enganosa sob a qual pode se manifestar tanto o real quanto o ilusório e, também, da relatividade dos dois, em dependência do ponto de vista do qual estejam sendo percebidos.

Para cada ser humano, o conceito do “real” e do “ilusório” depende do plano no qual se encontre o centro de sua consciência.

Os três títulos do Arcano – “Radiatio”, “Signum” e “Materia” correspondem aos três graus de densificação da Substância Única, desde sua Ponte até o estado denso. O plano intermediário – o dos símbolos ou o astral – é, às vezes, chamado de “espelho universal”, pois nele se refletem as emanções superiores (“Radiatio”) e forma-se tudo (“Signum”) que se manifestará no plano denso (“Materia”). Todavia, descendo, a Realidade perde uma parte de sua força e de sua pureza, e essa perda será tanto maior quanto mais baixo for o plano de sua manifestação.

O símbolo é mais real do que sua manifestação densa, pois existe no plano astral antes de aparecer no físico e existirá ainda no astral após o desaparecimento de sua manifestação no plano físico. A forma astral é a **condição “sine qua non”** de qualquer aparecimento no plano físico e, portanto, é mais real do que a forma densa. Daí podemos deduzir que, quanto mais baixo for o plano da manifestação, mais efêmera será a mesma.

Importa muito compreender que o conceito do “real” e do “ilusório” tem um sentido **apenas na confrontação dos diversos planos**. É um conceito **relativo e não absoluto**. Ele muda progressivamente, na medida da subida ou da descida na escada de Jacó.

Naturalmente, o mundo divino, sendo o mais elevado, é absolutamente real; no entanto, cada plano, visto dentro de seus próprios limites, parece ser o único real.

Essa “realidade” deve ser levada em consideração enquanto vivermos num determinado plano, sem esquecer, todavia, seu caráter efêmero em comparação aos planos superiores.

Não são as circunstâncias da vida terrestre que podem influir negativamente na alma, mas a importância que a mesma pode lhes atribuir, considerando-as como a única realidade. Em tal caso, a graduação **torna-se invertida**, e são os planos superiores que parecem ser ilusórios. Em tais condições, todo o esforço da vida é dirigido para a aquisição dos valores terrestres. Entre estes, ocupam o primeiro lugar os bens materiais e o sexo inferior. O aspecto ligeiramente mais sutil dos valores terrestres é o desejo da fama, do êxito social e, também, da felicidade familiar. Na medida em que o homem evolui, suas metas tornam-se mais elevadas. Contudo, enquanto a busca não for dirigida ao plano do Eu Superior, sempre haverá nela algo de ilusório.

Quanto mais alguém se aprofunda no estudo do Arcano XXI, tanto mais aspectos descobrirá, totalmente novos e inesperados.

A lâmina apresenta apenas um aspecto negativo do Arcano XXI; no entanto, mesmo nessa apresentação podemos discernir, também, duas facetas: “a real” e “a ilusória”.

A Humanidade comum verá um “bobo” ou “louco” que, seguindo algo de ilusório, cava sua perdição. Isto é o “real” para a sociedade humana. Para o “bobo”, subjetivamente, o cal é diametralmente oposto. Ele não mais dá valor ao que os homens, em geral, tanto apreciam, pois percebe algo de “real”, invisível a outros. Avança resolutamente e nem o precipício, nem o monstro podem detê-lo ou fazê-lo recuar. Tal-, para ele não haja outro caminho na aproximação do seu “real”, e ele está pronto a tudo arriscar e, se for preciso, tudo sacrificar. Medite-se um pouco quanto às palavras do Evangelho: “Quem quiser conservar a sua vida (ou sua “alma”, em certos Evangelhos) perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida (ou a “alma”) por Minha causa, achá-la-á”.

É possível, também, que o “precipício” e o “monstro” não mais tenham poder sobre o peregrino, caso este já saiba serem eles apenas ilusórios.

O “bobo” não se preocupa com sua própria aparência, não se incomoda em ser considerado bobo, não rejeita a carapuça, mesmo que fosse fácil fazê-lo. As suas posses são ínfimas em quantidade e em valor. Seu ambiente, seus amigos e a opinião pública o criticam acerbamente – é o cão que o ataca – julgando segundo sua própria medida. Para os mesmos, ele não possui juízo, pois não procura “viver bem”. O peregrino, se quisesse, poderia defender-se e mesmo castiga-los; tem meio para fazê-lo, possui um bastão – o poder – mas não quer utilizá-lo para esse fim. Tal é a sua vontade.

O “real” da humanidade comum é desprezível e “ilusório” para o peregrino. O “real”, subjetivo, do peregrino é inconcebível e ignorado pela humanidade que, na conduta do mesmo, vê somente loucura.

Acrescentamos ainda que o ensinamento oriental concernente a “Mais” do mundo físico pertence totalmente ao campo do Arcano XXI. O Hermetismo ressalta, contudo, a diferença entre o conceito da “natureza ilusória” do mundo físico e a “inexistência” desse mundo, considerando o último conceito como sendo uma deformação da Verdade, podendo conduzir ao desprezo da vida e à negação do valor de qualquer trabalho no mundo físico.

ARCANO XXII

O Arcano XXII representa a ideia da realização final de um ciclo.

O sistema dos Arcanos inicia-se na unidade e na simplicidade. Estas se fragmentam e se complicam gradualmente para, no tini, voltar à unidade e à simplicidade iniciais, embora num nível superior. Essa lei rege tanto uma vida particular lar como a série de encarnações individuais; rege também a vida nacional, a planetária e a cósmica. No nível da humanidade, esse ciclo começa com o Homem Divino – Adem Kadmon – e prossegue através da diferenciação (*Destitutio*) até uma nova humanidade *reintegrada*. O esoterismo Oriental, no nível cósmico, fala dos ciclos de Manvantara e de Pralaia.

Os títulos do Arcano, a “Coroa Magia” e o “Mundo” aludem ao “Novo Céu e à Nova Terra”, isto é, ao restabelecimento da harmonia entre o Espírito e a Matéria, criando um sistema superior.

O Arcano corresponde ao segundo “He” (do Iod-He-Vau-He), que é a conclusão de um ciclo e a passagem para o seguinte. Seja qual for a divisão dos Arcanos (em triplicidade, em septenários ou décadas), o Arcano XXII é sempre a conclusão desses ciclos.



O esoterismo ocidental usa a fórmula “*Omnia vivum ex ovo*” (Tudo o que vive provém de um ovo). Na lâmina temos a figura de um ovo, formada pela serpente mordendo sua própria cauda (símbolo da continuidade). Isto significa que o resultado do ciclo precedente concentra-se num ovo, para criar uma nova manifestação.

O esoterismo ocidental afirma que, unindo-se a Deus, a alma humana conhece uma expansão infinita, conservando todavia sua individualidade.

* * *

O Arcano XXII fecha o ciclo, transformando-se num “Aleph” do ciclo superior e formando assim uma voluta da espiral. A espiral caracteriza, em geral, todo movimento evolutivo. A experiência de cada Arcano, vivida de novo, pode parecer uma repetição; no entanto é diferente, pois vivida num nível superior ou em um outro aspecto.

Nas Escolas Iniciáticas, o estudo dos Arcanos se faz em grupos separados, isto é, o ensinamento é dado de acordo com o grau evolutivo dos alunos. Na medida do desenvolvimento dos mesmos, o estudo é retomado, cada vez num aspecto mais profundo e mais esotérico. As Escolas Iniciáticas fechadas praticam, em geral, um tríplice estudo de cada Arcano.

SISTEMA SEFIRÓTICO

Extratos de aulas dadas a um grupo de estudantes espiritualistas, entre os emigrantes russos na Iugoslávia, antes e no começo da II Guerra Mundial, pelo Sr. G. Iellatchitch, amigo e discípulo de G. O. Mebes.

O ensinamento sobre o sistema sefirótico faz parte do X Arcano Maior do faro, também chamado de “Arcano da Cabala”.

Às vezes, o sistema sefirótico é chamado de “Álgebra de Ideias”.

A palavra “sepher”, “siphur” ou “siphar” (Samech, Phe, Resh) corresponde ao conceito de “livro”, de “numeração”, de “número” ou de “sistema numérico”. “Cabalizando” essa palavra pelo sistema de Arcanos, teremos: Samech (15), Arcano da lógica; Phe (17), Arcano de todas as ciências positivas; Resh (20), Arcano que indica o meio da libertação, isto é, o meio de ultrapassar a sujeição às formas e de seguir a essência. Assim, essa palavra significaria: aprender as leis da Natureza para descobrir em tudo o seu valor interior.

Tudo o que existe no Cosmos, seja isso uma ideia abstrata, seja um fato concreto, passa pelo sistema sefirótico para poder manifestar-se no mundo. Para tanto, esse sistema é chamado de método da manifestação dos atributos do logos. As Sefiras são graus ou fases desse processo. Dez Sefiras é o número indispensável e, ao mesmo tempo, suficiente para abranger o sistema do nosso Universo.

Para analisar o sistema sefirótico são utilizados três métodos básicos e um adicional. Os básicos consistem na análise.

- a) dos mundos ou planos;
- b) das 10 Sefiras;
- e) das 3 colunas – a Divina, a Humana e a Angélica – formadas pelas 10 Sefiras.

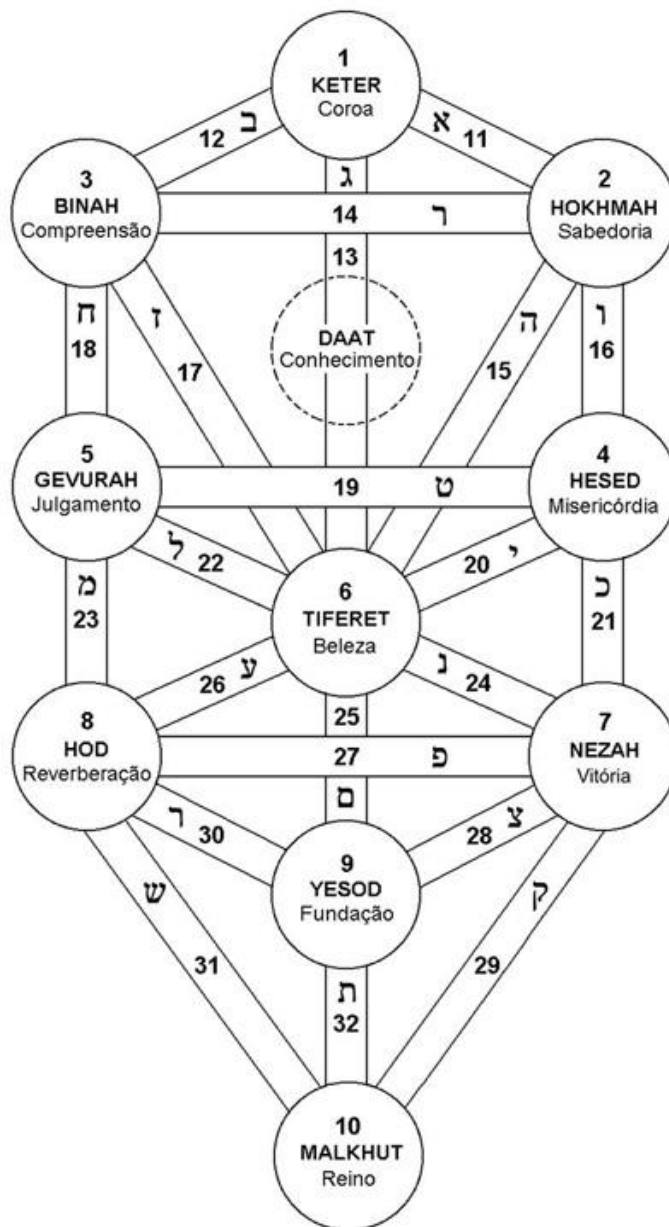
O quarto método, o adicional, consiste no estudo do inter-relacionamento das Sefiras, das passagens de uma para outra – os canais –, assim como da atuação do sistema em sua totalidade.

Para que se manifeste uma parte do Grande Todo ou o mais ínfimo de seus fragmentos, esse “algo”, primeiramente, deve ser *emanado* – além do tempo (no sentido comum dessa palavra). Em seguida, deve receber um invólucro espacial. Esse invólucro, dado por um servidor do Logos, determinará o grau da vitalidade e da realidade (no sentido místico) desse “algo”. Depois disso, o “algo” deve ser envolvido por uma forma, a mais adequada, para, no fim, poder tornar-se “aquilo que é”.

Essas quatro fases são absolutamente necessárias, mas, em nosso mundo decaído, as passagens gradativas pelas fases e a manifestação final ficam deturpadas e incompletas.

As mesmas fases são obrigatórias se deixando o plano do Logos, passarmos à criatividade de um filósofo, de um artista, de um cientista, etc. Nesse caso também deve haver primeiramente uma *emanação* (já no sentido humano), isto é a concepção de uma ideia. Em seguida, esta deve receber um impulso criativo e, depois, ser envolvida numa forma clara e detalhada. Finalmente, ela deve ser realizada no plano físico.

O processo de *emanação* independe do tempo. Pode ser instantâneo. Nesse caso, devido à insuficiência do desenvolvimento da nossa consciência, quase nunca fica registrado pelos nossos centros intelectuais e pela nossa memória. Mesmo não sendo instantâneo, o processo de *emanação* frequentemente escapa à nossa consciência. Em geral, só começamos a registrar a fase de envolvimento desse “algo” num elemento espacial. Então, erradamente, consideramos essa etapa como sendo a inicial.



*Ilustração da Árvore da Vida.
Adicionada nesta cópia feita para o Clube do Tarô.*

ANALISE DO SISTEMA SEFIROTICO SEGUNDO OS PLANOS

O 1º plano – o Mundo da Emissão – é composto por três Sefirot superiores. O 2º plano – o Mundo da Criação – ou seja, o plano espacial e causal, é composto pelas Sefirot quarta, quinta e sexta. As sétima, oitava e nona Sefirot compõem o Mundo da Formação. A décima Sefira é o Mundo da Manifestação Física.

Esses grupos horizontais são exemplos de diversas neutralizações. No 1º plano, as Sefirot Hokmah e Binah neutralizam-se para cima, em Keter, no 2º plano, as Sefirot Gedulah e Geburah deveriam neutralizar-se no mesmo nível, mas, devido à Queda, neutralizam-se para baixo, em Tiferet. Gedulah e Geburah representam a Causa e o Efeito, o Tiferet, sua manifestação. No mundo não decaído, a Causa e o Efeito resultavam em uma manifestação no mesmo plano, sempre perfeita. No mundo decaído, a manifestação ficou deturpada e imprevisível. No 3º plano, as Sefirot Netzah e Hod neutralizaram-se para baixo, em Yesod. No 4º plano, a Sefira Malkut é o reflexo da Sefira Keter.

Além desse método de divisão em quatro planos, existe um outro separando as Sefiras em dois grupos: o das três superiores e o das sete restantes, ou seja, em três causas primordiais e sete secundárias.

Às vezes utiliza-se ainda um terceiro método: o de dividir as Sefiras em três grupos: as três superiores, as seis do meio e a Malkut. O último método corresponde à divisão das Sefiras segundo três planos: o mental, o astral e o físico. O plano astral, por sua vez, pode ser subdividido em dois grupos, cada um de três Sefiras: as superiores correspondendo ao plano ético e as inferiores, ao estético.

ANÁLISE DOS CANAIS (CAMINHOS), DE SEUS NÚMEROS E DAS LETRAS CORRESPONDENTES

De Keter saem cinco Canais ou Caminhos: dois para o mundo da Emissão e três para o da Criação. Esse número – 5 – já indica a densificação da emissão.

O canal 1 (Aleph) transmite à Coluna Adâmica a ESSÊNCIA primordial. É importante sublinhar que a letra Aleph é uma das letras-mães.

O Canal 2 (Beth) transmite à coluna Angélica a SUBSTÂNCIA primordial. Portanto, a coluna de Hokmah – a Adâmica – lida com a essência, e a coluna de Binah – a Angélica – com a substância.

O Canal Aleph é o “Sopro Divino” (Ruah Elohim Aur) que, na Bíblia, Deus insuflou no barro; ele é a via pela qual Deus falava com o Adão não decaído no Paraíso.

Em sua descida, o Canal Aleph acaba no Canal Quoph (o 19°). O Canal Beth conduz ao Canal Shin (o 21°) e à sua substância.

O Canal 3 (Ghimel) liga Keter com Tiferet. Seu número (3) indica o princípio de geração. Algo, emanando de Keter, torna-se Beleza Absoluta. É a Verdade de Keter que se reflete em Tiferet como Beleza Absoluta. Dizemos “absoluta” e não “formal”, não-estética”, pois aqui estamos ainda no campo da ética, onde a estética não existe. Descendo, essa Beleza Absoluta reflete-se em Yesod como forma totalmente harmoniosa, pois aqui já estamos no campo da estética. O resultado geral da coluna do Meio expressa-se em Malkut, como reflexo de Keter, isto é, da Verdade envolvida em matéria da Verdade que passando pela Beleza absoluta e a Forma perfeita, adquire a melhor realização no mundo físico.

O Canal 5 (He) transmite à Coluna Adâmica o conhecimento e a ciência.

O Canal 7 (Zain) transmite à Coluna Angélica as causas secundárias.

Os Canais que conduzem de Keter ao Mundo da Emissão são o 1° e o 2°; sua soma é 3. Os Canais para o Mundo da Criação são o 3, o 5 e o 7, cuja soma é 15 = 6. Esse número corresponde ao Hexagrama, ou seja, à dupla tríade.

O Mundo da Emissão contém as Sefiras mais abstratas; as da criação já são mais concretas.

A soma dos números de todos os canais que provêm de Keter é: $1 + 2 + 3 + 5 + 7 = 18 = 9$, número que corresponde à Hierarquia e à Iniciação. Keter, em relação à Hokmah e Binah, é gerador e neutralizador. Em relação ao Mundo da Criação, é gerador de todas as outras Sefiras. Para o sistema inteiro, ele é o hierarca (I8), o protetor (9).

Dos três canais horizontais, paralelos, ligando as Colunas Adâmica e Angélica, o superior, Daleth, conclui e separa o mundo da Emissão. Seu número é 4 e ele constitui a base do triângulo ascendente. A soma dos lados desse triângulo dá o número 3. Isso sublinha que, nesse mundo, o espírito domina a forma (3 acima de 4). Mais adiante voltaremos ao lugar do cruzamento dos canais 3 e 4, chamado Daath.

Hokmah, tendo recebido o Princípio Primordial e, com isso, tendo se tornado a cabeça da Coluna Adâmica, emana, por sua vez, pelo Canal nº 6 (Vau) os atributos do seu próprio aspecto Divino Yah e de sua sabedoria à Sefira da Misericórdia Gedulah. Em

outras palavras, Hokmah aplica o método de analogia. Mas a Sabedoria e o Conhecimento acarretam a escolha, ou seja, o livre-arbítrio (no sentido esotérico).

Na Coluna Angélica, Binah, cujo aspecto Divino é Yahvé, emana a legalidade, a lei da *Libratio* e do Karma, pelo canal nº 8 a Geburah, Sefira da Severidade e das leis da Natureza.

As Somas das letras que compõem os nomes Divinos correspondem aos números dos Canais.

Do Mundo da Emissão para os da Criação saem cinco Canais. A soma de seus números é: $6 + 5 + 3 + 7 + 8 = 29 = 11 = 2$. O número 11 mostra que a força de Keter é transmitida em todos os seus aspectos: o Divino, o Humano e o Angélico (ou da Natureza) ao Mundo da Criação. O número 2 indica, mais uma vez, que o Mundo da Criação já é mais denso do que o Mundo da Emissão, assim como o mundo do “não-Eu” e mais denso do que o mundo do “Eu”.

O segundo Canal horizontal (nº 9) une Gedulah e Geburah. Estas sefiras parecem ser unidas pela Iniciação recíproca (9): a da Adâmica dada à Angélica e a da Angélica dada à Adâmica. Os valores numéricos dos Nomes o confirmam.

Gedulah e Geburah se neutralizam em Tiferet pelos Canais nºs 10 (Iod) e 12 (Lamed). Assim, na Coluna Adâmica, Gedulah, tendo recebido o reflexo do Canal 1 pela Lei da Analogia, transmite essa força para diante, pelo Canal 10.

Na Coluna Angélica, Geburah (Severidade) transmite a Tiferet – por mais estranho que isso possa parecer – o Sacrifício, pois o Arcano XII é o Arcano do Sacrifício, do Zodíaco. Assim, Tiferet recebe, de um lado, a atividade, e, do outro, o Zodíaco (12), plano onde a atividade e o Sacrifício se manifestam. A soma dos números dos Canais é: $10 + 12 = 22$ (Tau). A letra Tau repete-se duas vezes no nome Tiferet, como se aludisse à “Grande Obra” da Beleza.

Gedulah, pelo Canal 11 – a soma do conhecimento (5) e da escolha (6) – número da força e das correntes e Egrégoras, une-se à Sefira Netzah. Em outras palavras, o conhecimento e a escolha acertada levam à força. Este Canal constitui também a passagem ao astral mais denso, o Mundo da Formação ($11 = 2$).

Na Coluna Angélica, a Severidade (Geburah) pelo Canal nº 13 (Mem) Morte e Renascimento, ou seja, a transição de um plano para um outro conduz à Sefira Hod.

Além desses Canais, as Sefiras Netzah e Hod são ligadas pelos Canais 14 (Nun) e 16 (Ain) com Tiferet. Tiferet parece dividir-se em Netzah e Hod, o que sublinha claramente a analogia com Keter. Assim, como Keter atua sobre o plano criativo pelos Arcanos da primeira década, Tiferet atua no plano de formação pelos Arcanos equivalentes da segunda década. Keter atua pelos Canais 5 e 7; Tiferet, pelos Canais 14 ($1 + 4 = 5$) e 16 ($1 + 6 = 7$).

Somando a influência do plano criativo sobre o formativo, vemos que o plano superior atua sobre o inferior por cinco canais (11, 13, 14, 15 e 16). A soma de seus números dá 6, o que confirma a aplicação da Lei da Analogia.

Se tomarmos em consideração apenas a influência de Tiferet, veremos que os Canais 14, 15 e 16 dão a soma de 9, isto é, que, para os mundos inferiores, Tiferet é o superior hierárquico e o protetor.

Essa é a aproximação Cabalística. A filosófica será que o Mundo das Formas adquire sua beleza graças à harmonia de Tiferet.

O Canal 15 (Samech), o Arcano dos turbilhões astrais, parece criar um meio ambiente adequado para a forma e parece transmitir-lhe o Nahash.

O plano da formação, para poder desempenhar seu papel, recebe dos planos superiores:

- a) a lei da reversibilidade dos processos (14)
- b) a força (11)

- c) os turbilhões astrais (15) d) o constrangimento (16)
- e) a lei da passagem da energia de um plano para outro (13).

Analisando os três canais horizontais, podemos constatar que:

1. O primeiro (nº 4) separa as três primeiras Sefiras que, entre si, formam uma tríade separada, mas inseparável.
2. O segundo (nº 9) confirma que Gedulah e Geburah devem se iniciar mutuamente para criar a harmonia. A soma das letras dos Nomes Divinos correspondentes: El ($1 + 30 = 31 = 4$) e Elohim ($1 + 30 + 5 + 10 + 40 = 86 = 14 = 5$) também dá 9.
3. O terceiro (Phe, 17, *signum naturalis*) é o intercâmbio entre Netzah (força e vitória do espiritual sobre o material) e Hod (paz e elaboração dos métodos para criar forma), servindo de base a toda a nossa ciência positiva, laica. Para criar a forma, as duas Sefiras Netzah e Hod precisam intuitivamente alcançar uma à outra e conhecer-se através desse Canal Phe. Por causa da segunda Queda, nosso intelecto não pode se elevar acima desse nível.

Netzah e Hod neutralizam-se por baixo, na Sefira Yesod. A Coluna Adâmica transmite a Yesod, através de Netzah, a lei hierárquica (18). A Coluna Angélica transmite a Yesod, através de Hod, a permanência da essência (20), independentemente das mutações do tempo e da forma.

Aqui, abaixo do ponto da ruptura, aparece pela primeira vez o conceito do tempo. Sendo assim, atualmente, podemos compreender só o tempo e não a Eternidade.

Yesod recebe o influxo de três Canais: o 18, o 15 e o 20. A soma de seus números dá 8, o que significa que a forma ideal deve ser equilibrada e de acordo com a Lei.

Finalmente, no plano inferior, em Malkut, convergem também três Canais. O 19º vem da Coluna Adâmica e transmite as “verdades frutíferas”, o que pode ser entendido como a necessidade da busca contínua da Verdade pela mente humana; o Canal 21, da Coluna Angélica, traz a substância; o Canal 22 (Tau) da Coluna Divina dá, através de Yesod, a realização final. A soma dos valores numéricos desses Canais dá: $19 + 21 + 22 = 62 = 8$, isto é, de novo a “Libração”, ou seja: a volta contínua ao equilíbrio ou à Lei do Karma, a explicação de tudo o que acontece no mundo.

PONTOS DE CRUZAMENTO DOS CANAIS

Os três Canais Horizontais: o 4, o 9 e o 17, cruzam em três pontos a Coluna do Meio, formando assim a chamada “Cruz Sefirótica”.

Estes três cruzamentos são muito importantes e neles se fixam os naipes dos Arcanos Menores.

O primeiro ponto de cruzamento (entre os Canais 3 e 4) chama-se Daath. Nele, a emanções das Sefiras Hokmah e Binah, encontrando-se com forças iguais, recebem também a poderosa emanção direta de Keter.

Sabemos que os atributos do Mago consistem em símbolos básicos, entre os quais as retas horizontais e verticais. O Pau seja, a reta vertical, corresponde no Sistema Sefirótico à Sefira Hokmah. O arquétipo da Taça (ou Copa) é a reta horizontal e corresponde à Sefira Binah. Esse relacionamento concorda com o caráter básico das colunas: o de Hokmah a Adâmica, mais ativa; o de Binah – a Angélica, mais passiva.

Em Daath, a atividade dos Paus encontra a passividade das Copas (o ás de Paus encontra o ás de Copas). A reta horizontal reage pondo-se em movimento ondulatório, tornando-se linha ondulada. A poderosa emanção de Keter, agindo também diretamente sobre Daath, causa a formação, primeiramente, de Stauros () e em seguida, do Lingam ().

O Lingam só pode se formar no ponto de cruzamento dos Canais 3 e 4. Por isso, Daath é chamada de ponto de encontro do Iod e do 1º He, pois Hokmah corresponde a Iod, Binah ao 1º He e Keter ao ponto neutralizador acima do Iod. O rompimento do Canal nº 3 neste ponto não foi permitido, pois isso significaria a cessação de toda a vida no mundo.

Neste cruzamento, o Canal 3 gera os Arcanos Menores de Paus e de Copas.

Numericamente, neste campo o 3 domina o 4, ou seja, o espírito domina a forma.

O segundo ponto de cruzamento, o dos Canais 3 e 9, é o lugar da manifestação do princípio criativo do Logos. É o ponto de fixação do Grande Arcano do naipe de Espadas, pois o pau atravessando a copa, cria a imagem de uma espada (♠). Numericamente: $3 + 9 = 12$ corresponde à Misericórdia, ao Messias, ao amor e ao sacrifício.

Se pudéssemos estudar o Sistema Sefirótico no estágio de *Institutio*, ou seja, do mundo não decaído, encontraríamos nesse ponto a Sefira Tiferet, como neutralização de Gedulah e Geburah. Disso deduzimos que a palavra criativa é absolutamente bela e harmoniosa. No mundo decaído, porém, esse é o ponto de rompimento do Canal 3 e da Queda de Tiferet, que se tomou a neutralização para baixo de Gedulah e de Geburah.

O Canal nº 3 – Ghimel – pode ser analisado como se segue:

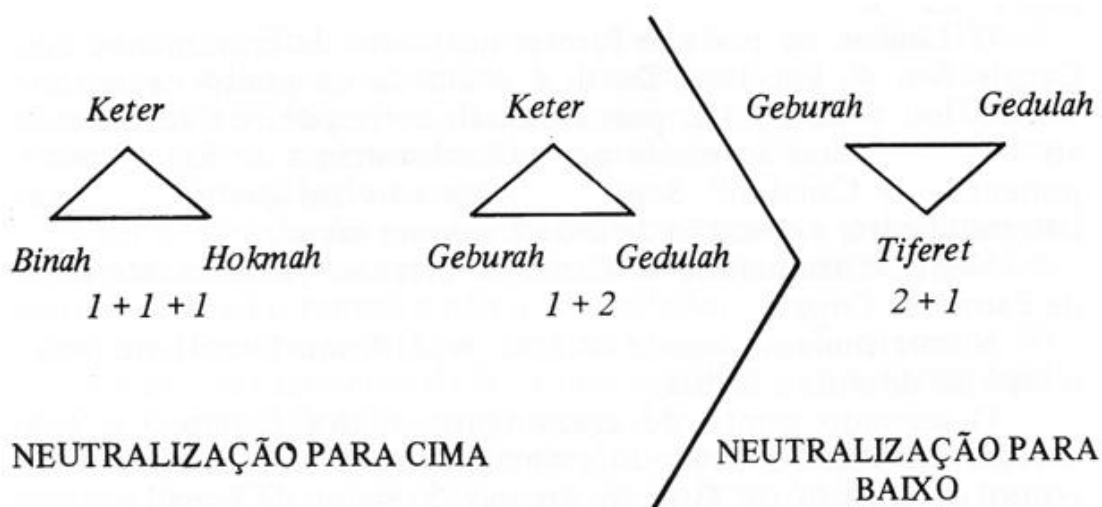
1. $1 + 1 + 1$, isto é, 3 Aleph iguais. Como exemplo, podemos tomar o ensinamento sobre a Santíssima Trindade, que é Una e, no entanto, cada uma de Suas Pessoas é independente.
2. $1 + 2$, o que corresponde ao triângulo evolutivo, neutralizado para cima.
3. $2 + 1$, que é o triângulo involutivo, neutralizado para baixo.

A primeira divisão (de Keter até Daath) corresponde ao Mundo da Emissão, composto de 3 Sefiras, cada uma das quais tem seu valor próprio e igual.

Ultrapassando o ponto Daath e até o cruzamento com o Canal 9, o Canal 3 toma-se um exemplo da segunda divisão ($1 + 2$).

Depois da primeira Queda aparece também a divisão $2 + 1$. É a parte do Canal 3 que vai desde o cruzamento com o Canal 9 até Tiferet abaixada.

Assim, temos:



A primeira queda dificilmente é acessível ao nosso intelecto. Ela foi o começo do Mal que se tornou a vida diária em nosso mundo. Meditando sobre o Sistema Sefirótico, sobre seus Canais e pontos de cruzamento, essa Queda torna-se para nós mais compreensível ainda.

Até o rompimento do Canal 3, as emanções de Keter, ou seja, o contato de Keter com os planos inferiores era direto. Depois do rompimento, isto é, da queda de Lúcifer, esse contato tomou-se indireto, desviado através dos Canais e das Sefiras laterais.

A queda de Lúcifer foi a consequência do seu distanciamento da presença de Deus. A primeira Queda corresponde ao aparecimento do mundo do “não-Eu”, isto é, da divisão do mundo *Uno* em mundo do “Eu” e do “não-Eu”.

Enquanto Lúcifer se integrava no Mundo Divino do “Eu”, não havia Queda. Mas no instante em que ele proclamou que Deus “não é eu”, e “por que não sou eu o Criador do Mundo?” ele próprio se tomou “não-Eu”, isto é, separou-se do “Eu” Divino.

O resultado da primeira Queda foi, como sabemos, o abaixamento de Tiferet e compressão (esmagamento) do Canal 15 (Tiferet-Yesod), Canal dos fluidos astrais. O Canal 15 tornou-se um fator de opressão. Em vez de ser uma via de transmissão benéfica, tornou-se uma conexão serpentina, esmagadora, de um astral desarmonioso e maléfico que conduz turbilhões astrais caóticos e opressores.

Isso resultou em um rompimento no cruzamento dos Canais 15 e 17. A soma dos números desses Canais dá 32, número que corresponde à sabedoria superior dos 32 Portais, ou seja, a dos 22 Arcanos Maiores do Tarô e a das 10 Sefiras que, em seu total, é chamada de Portal da Sabedoria Superior.

O ponto de cruzamento dos Canais 15 e 17 é o ponto de junção do grande Arcano de Ouro, isso é, dos grandes ideais humanos que também podem ser chamados de “verdades Inumanas”, à diferença da Verdade Única. A própria multiplicidade dessas verdades indica, não seu caráter mentiroso, mas seu caráter fragmentário, parcial.

Se procurarmos restabelecer a ligação mais direta com a Verdade Única e elevar o segundo ponto da Queda, veremos que a vinda do Salvador restabelece ($3 + 9 = 12$) e, por isso mesmo, recoloca no seu devido lugar o grande Arcano de Ouros. Então, no lugar das “verdades humanas” aparece a Verdade do Cristo. Tendo restabelecido (potencialmente) o Sistema Sefirótico, o Salvador, através do Seu Sacrifício, salvou-nos das consequências desastrosas da Queda humana, do peso do pecado primordial. Deu-nos a possibilidade de nos salvar pelo esforço da nossa Boa Vontade e pela vitória sobre os nossos pecados; apesar disso, encontramos-nos ainda num mundo decaído. Todavia, a cabeça da serpente foi esmagada e o caminho para a humanidade foi apontado.

Como já dissemos, na Arvore Sefirótica existem dois pontos muito importantes o cruzamento dos Canais 3 e 4 e o dos Canais 15 e 17. Eles correspondem às duas tragédias na evolução do nosso mundo: a Queda dos Anjos e a Queda do Homem.

A primeira impediu a transmissão direta das emanções do Alto. Desde então, a Luz de Keter só podia descer indiretamente, pelo Caminho da Lei e da Misericórdia.

A segunda “cruz”, a Queda do Homem, foi a consequência da primeira Queda, resultando na separação dos sexos. Segundo o ensinamento dos discípulos diretos de G. O. Mebes, a Queda de Lúcifer é localizada no ponto de Daath. Seguimos, aqui, escrupulosamente, essa apresentação. No entanto, a Tradição esotérica Ocidental liga, geralmente, a primeira Queda com o ponto de cruzamento dos Canais 3 e 9, causando o abaixamento de Tiferet.

A divergência parece ser importante, mas talvez consista na diferença dos pontos de onde é vista a Arvore Sefirótica. De fato, a Tradição fala, em geral, da Queda, como sendo vista de cima, dos Mundos Superiores. Os antiquíssimos acontecimentos metafísicos não podiam, naturalmente, afetar as Emanações Divinas do triângulo de Cima.

A escola de Mebes, pelo contrário, apresenta o problema da Queda como se fosse visto de baixo, isto é, pelas consequências que causou para a humanidade limitando suas possibilidades evolutivas às concepções humanas, condicionais, e tornando impossível a receptividade do homem às Emanações Superiores durante seus primeiros estágios evolutivos.

Portanto, é indispensável que o homem, por um ou outro meio, supere esse impedimento, elevando-se a um nível em que a receptividade às Emanações Superiores possa ser restabelecida, isto é, ao nível das Copas e dos Paus.

Os 22 Canais ou Caminhos que ligam as Sefiras correspondem aos caminhos que segue o impulso vindo do Alto, até sua manifestação no mundo material ou, também, no sentido contrário, que segue a Alma humana, elevando-se do mundo material ao reino do Espírito.

No naipe de Espadas, o caminho “da revolta” é o caminho de Malkut até Keter, diretamente pela coluna central. Este Caminho é muito duro, mas a Alma que o segue é sustentada por sua poderosa aspiração e a prévia realização interior (Canal 22). Para poder se elevar, ela deve, antes de tudo, criar em si o Androginato e apoderar-se do seu “Baphomet” interior, transformando-o.

O Baphomet, símbolo da humanidade decaída, é visto de baixo como máscara diabólica, criada pelo afastamento da Harmonia (Tiferet) e pela separação dos sexos.

Em seguida, as pessoas que seguem o caminho “da revolta” devem realizar a segunda Vitória, ou seja, o “salvamento de Lúcifer” em si. Isto é, devem arrebentar a parede da “forma” do Canal 4 e passar ao Mundo Superior. Este já é um estágio muito elevado que, através do “nascimento em Espírito”, conduz à reunificação com a Fonte da Luz.

Aquele que segue o estágio de Espadas pelo Caminho da Fé não “salva Lúcifer”, não arrebenta a parede; ele a contorna pela Razão e pela Sabedoria (Binah e Hokmah) e, com fé na Vitória final, aceita a criação do Logos tal como ele está.

Gedulah, o reflexo de Hokmah, é a expressão da lei da utilidade, ou seja, de algo cuja causa se encontra no futuro. Geburah, reflexo de Binah, é a expressão da lei da consequência, isto é, de algo cuja causa se encontra no passado. Gedulah se reflete no terceiro triângulo, em Netzah, Sefira da Vitória do espiritual sobre o material: Geburah se reflete em Hod, Sefira da Paz. No entanto, essa Paz não é o repouso após a Vitória, mas uma intensa atividade interior, externamente imperceptível e que, junto com outras influências, se manifesta na criação da forma, em Yesod.

Os arcanos maiores do Tarô – G. O. Mebes
Editora Pensamento.

Transliteração dos Adendos
com adição de ilustrações
Para www.clubedotaro.com.br
CKR – SP, julho.2017